



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

O Jornalismo Desportivo em Portugal *O Caso Record*

Pedro Miguel Silva Ferreira

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Joaquim Paulo Serra

Covilhã, junho de 2017

Agradecimentos

Porque ninguém chega onde quer sozinho:

Aos meus pais, por toda a força e encorajamento que me deram durante todo este percurso. Sem eles nada disto teria sido possível e todo o sucesso que possa vir a ter no futuro se deve ao seu esforço e à educação que sempre me transmitiram. Ao meu irmão, pela ajuda que sempre me deu ao longo de todo este tempo.

À minha namorada, Renata Fazenda, que fez tudo o que estava ao seu alcance para tornar possível este relatório. Por me ter dado a força necessária para nunca desistir.

À minha família e amigos por estarem igualmente presentes em qualquer circunstância da minha vida.

Ao *Record* e a todos os que lá trabalham, especialmente nas secções onde pude dar o meu contributo.

Aos colegas e amigos que conheci nesta formação académica, onde destaco Bruno Silveira, que me acompanhou desde o início e partilhou comigo todos os momentos destes anos fantásticos.

Por fim, e não menos importante, ao meu orientador, Paulo Serra, por todo o conhecimento e orientação neste percurso.

Obrigado do fundo do coração a todos.

Resumo

O campo do jornalismo tem explorado novos percursos ao longo de toda a sua história e, como tal, o jornalismo desportivo, passou igualmente por diversas fases evolutivas. Sendo por vezes secundarizada, esta especialidade de jornalismo foi crescendo ao longo de toda a história até estar diariamente ao alcance de toda a gente.

Desta forma, o presente Relatório, elaborado com base numa experiência de estágio no jornal desportivo *Record*, entre julho e setembro de 2016, pretende mostrar todo o desenvolvimento da imprensa desportiva portuguesa e dar o exemplo do *Record* para permitir perceber qual o papel do jornalista desportivo e do próprio jornalismo desportivo face aos outros jornalismo especializados.

Para poder investigar este tema do jornalismo desportivo, especialmente em Portugal, em muito contribuíram os três meses de prática no seio de uma redação profissional, onde me foi dada a possibilidade de conhecer bem de perto toda a realidade do jornalismo e jornalista desportivos, nomeadamente nas secções do Nacional e do Online.

Palavras-chave

Jornalismo desportivo; Jornalismo especializado; Jornalista desportivo; Jornal *Record*;

Abstract

Throughout the years journalism has explored new paths, so, sports journalism as faced equally diverse evolution stages. Being sometimes putted in a secondary role, this journalist specialty has grown throughout history until it is within reach of everyone.

Given that, the present report, written based on an internship experience ate the sports newspaper *Record* between July and September 2016, intends to show all the development of Portuguese sports press and give the example of *Record* so it can be understood the role of the sports journalist and the journalism itself as opposed to other specialized types of journalism.

In order to investigate sports journalism, particularly in Portugal, the three months of practical experience in a professional press office have contributed a lot. There it was given me the possibility of knowing the reality of journalism and sports journalism, in particular in the sections of National and Online.

Keywords

Sports journalism; Specialized journalism; Sports journalist; Newspaper *Record*;

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1. Esboço histórico da imprensa desportiva portuguesa.....	3
1.1. O contexto internacional	3
1.1.1. O panorama Inglês, Francês e Espanhol	4
1.2. A situação portuguesa.....	5
1.2.1. A Monarquia: nascimento e crescimento.....	6
1.2.2. A I República: dificuldades, instabilidade e mudanças	8
1.2.3. Da Ditadura Militar à II Guerra Mundial: afirmação e consolidação	11
1.2.4. A revolução de 1974 e o seu impacto na imprensa desportiva portuguesa	15
Capítulo 2. O desporto como fenómeno global e televisivo.....	17
2.1. A globalização do fenómeno desportivo	17
2.2. Conteúdos desportivos televisivos em Portugal	18
2.3. Conteúdos radiofónicos desportivos em Portugal	22
Capítulo 3. O jornal <i>Record</i>	25
3.1. História do jornal	25
3.1.1. Dos primórdios à atualidade.....	25
3.1.2. Alterações na direção	27
3.1.3. Distinções atribuídas e Prémio Artur Agostinho.....	30
3.2. Grupo Cofina.....	31
3.3. Vanguarda jornalística	32
Capítulo 4. O estágio no <i>Record</i>	35
4.1. Secção do Nacional e do Online	35
4.2. Secção do Internacional e Revista ‘R’	46
Capítulo 5. Discussão e conclusões	51
5.1. Surgimento e desenvolvimento da imprensa desportiva portuguesa	51
5.2. A especificidade do jornalismo desportivo	53
5.2.1. “O” jornalista desportivo	54
Referências	57

Lista de Figuras

Figura 1 - Tiragem e circulação do <i>Record</i> em 2015	32
Figura 2 - Tiragem e circulação do <i>Record</i> em 2016	33
Figura 3 - Primeiro trabalho realizado no estágio	38
Figura 4 - Primeira notícia de abertura realizada pelo autor	39
Figura 5 - Primeiro trabalho no exterior feito pelo autor	40
Figura 6 - Notícia/reportagem no exterior em conjunto com a jornalista Cláudia Marques ...	42
Figura 7 - Notícia mais marcante realizada durante o estágio	44
Figura 8 - Cobertura de um Belenenses-Benfica no Complexo Desportivo do Restelo	45
Figura 9 - Primeira experiência na secção do Futebol Internacional	47
Figura 10 - Notícia da Revista “R” em que o autor foi protagonista	50

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização dos principais jornais desportivos durante a Monarquia (1893-1910)	8
Tabela 2 - Caracterização dos principais jornais desportivos na I República (1910-1926).....	10
Tabela 3 - Caracterização dos principais jornais desportivos entre o início da Ditadura Militar e o final da II Guerra Mundial (1926-1945)	14
Tabela 4 - Programas desportivos na televisão portuguesa	22
Tabela 5 - Programas desportivos na rádio portuguesa	24
Tabela 6 - Periodicidade, por ordem cronológica, do <i>Record</i>	26

Introdução

O desporto sempre teve uma importância bastante significativa na minha vida, em todos os aspetos. Para além da prática em si - comecei a jogar futebol aos 8 anos-, desenvolvi o gosto pela leitura de jornais desportivos precocemente, sendo o *Record* uma publicação que estava frequentemente nas minhas escolhas. Este gosto por estas duas áreas fez-me optar por seguir o ramo do jornalismo, depois de concluir o ensino secundário. Sem nunca tirar o jornalismo desportivo da minha mente, surgiu a oportunidade de estágio - no segundo ano do mestrado-, o que para um aluno de Ciências da Comunicação com gosto especial pelo desporto significava uma oportunidade incomensuravelmente valiosa.

De todos os alunos com possibilidade de poder estagiar, poucos foram os que enveredaram pelo caminho do jornalismo desportivo, o que revela que esta não é uma área que atraia os recém-licenciados. Este é um facto que pude também constatar nos meus primeiros dias de estágio, no *Record*, onde a faixa etária predominante se situa precisamente entre os 40-50 anos - o que não impede que 'empreguem' alguns jovens aspirantes a jornalistas, principalmente na secção do Online.

Para além de *Record*, tinha uma outra hipótese de estágio - também ela relacionada com desporto-, no jornal diário *O Jogo*, com possibilidade de colocação igualmente em Lisboa. Mas tendo em conta o que foi descrito anteriormente, o *Record* acabou mesmo por ser a minha escolha.

Ao estagiar no *Record*, o meu principal objetivo era perceber a especificidade do jornalismo desportivo, procurando responder a três questões fundamentais: como surgiu e se desenvolveu a imprensa desportiva portuguesa e, nesse contexto, o jornal *Record*? Como se caracteriza o jornalismo desportivo? Quais as principais diferenças do jornalismo desportivo relativamente a outros jornalismo especializados?

Para atingir este objetivo e responder às perguntas com ele relacionadas, este Relatório encontra-se dividido nos seguintes capítulos:

Capítulo 1. Esboço histórico da imprensa desportiva portuguesa: neste capítulo procuro esboçar, nas suas linhas gerais, a história da imprensa desportiva portuguesa. Na primeira das suas três secções, caracterizo o contexto internacional no que se refere ao aparecimento da imprensa desportiva; na segunda, caracterizo cada uma das três fases em que, de acordo com autores como Pinheiro (2011) e Barata-Moura (2008), se deu o aparecimento e a consolidação da imprensa desportiva em Portugal, e que decorrem desde os finais do século XIX até ao final da II Guerra Mundial; na terceira e última secção, analiso o impacto que a revolução de 25 de abril de 1974 teve na imprensa desportiva portuguesa atual.

Capítulo 2. O desporto como fenómeno global e televisivo: neste capítulo abordo duas grandes tendências da imprensa desportiva atual, incluindo nesta designação não apenas a imprensa propriamente dita, em sentido estrito, mas os meios de comunicação que têm o

desporto como tema: a sua orientação para a globalização, para o entendimento do desporto como um fenómeno global; e a importância crescente da televisão e dos programas televisivos dedicados ao desporto - o que quer dizer, na maior parte dos casos futebol.

Capítulo 3. O jornal *Record*: neste capítulo é feita uma contextualização de toda a história deste diário desportivo, desde os seus inícios até à atualidade, assim como do grupo onde se insere (Cofina).

Capítulo 4. O estágio no *Record*: sendo este trabalho um relatório de estágio trata-se do capítulo mais importante do mesmo uma vez que relato toda a minha experiência de três meses enquanto estagiário nas secções do Nacional, Online, Internacional e Revista 'R'.

Capítulo 5. Discussão e conclusões: este capítulo finaliza o relatório, apresentando as principais conclusões decorrentes do meu estágio no *Record* no que se refere às questões formuladas atrás.

Capítulo 1. Esboço histórico da imprensa desportiva portuguesa

Neste capítulo procuro esboçar, nas suas linhas gerais, a história da imprensa desportiva portuguesa. Para isso, dividi-o em três secções: na primeira, caracterizo, de forma breve, o contexto internacional no que se refere ao aparecimento da imprensa desportiva; na segunda, caracterizo cada umas das três fases em que, de acordo com autores como Pinheiro (2011) e Barata-Moura (2008) se deu o aparecimento e a consolidação da imprensa desportiva em Portugal, e que decorrem desde os finais do século XIX até ao final da II Guerra Mundial; na terceira e última, analiso o impacto que a revolução de 25 de abril de 1974 teve na imprensa desportiva portuguesa, sobretudo no que se refere à televisão e à rádio.

1.1. O contexto internacional

O jornalismo desportivo foi implementado de forma algo irregular e tardia um pouco por todo o mundo, algo justificado pelo facto de o futebol só ter começado a ganhar verdadeira importância no final do século XIX. As primeiras notícias desportivas surgiram em publicações generalistas e depois em suplementos desportivos das mesmas.

Não foi só em Portugal que a imprensa periódica desportiva teve um crescimento gradual e se foi tornando gradualmente popular ao longo da década de 1920. Um pouco por toda a Europa, foram aparecendo muitos e novos jornais desportivos, ligados às mais variadas modalidades como o futebol, o ténis, o boxe e o automobilismo.

Na Alemanha, por exemplo, no ano de 1920 as revistas *Der Kicker* e *FuBball und Leichtathletik* iriam marcar o noticiário futebolístico alemão e, nos anos que se seguiram, iriam destacar-se alguns outros periódicos que tiveram o desporto feminino como tema de fundo.

O desporto automóvel foi outra modalidade que cativou bastante as produtoras durante a década de 1920, num fenómeno que se revelou global. Sendo o desporto da moda, até 1930 surgiram na Europa diversos jornais alusivos ao mundo do automobilismo: na Itália apareceu o *L'Auto Italiana* (1927), na Bélgica o *Le Commerce Automobile Belge* (1928) e na França o *Auto et Sports* (1922-1931). À semelhança do que se fazia na Europa, no Brasil surgiram três importantes revistas exclusivamente dedicadas ao automóvel: *Revista Automobilismo*, *A Voz do Chauffeur* e *Automóvel Club*. O jornalismo desportivo especializado em França passava por uma fase muito activa; para além do automobilismo, surgiram publicações em vários outros campos desportivos como foi o caso da náutica, esgrima e tiro, do movimento olímpico e do

futebol. No sector do jornalismo desportivo generalista, os franceses continuaram igualmente dinâmicos e, apesar do domínio do diário *L'Auto*, nasceu uma série de novos periódicos de reconhecida qualidade, que chegaram a ser uma fonte de inspiração para as publicações que iriam surgindo em Portugal.

Por ocasião dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, foi fundada a *Association Internationale de la Press Sportive* (AIPS), tendo o jornalista e chefe de imprensa dos Jogos Olímpicos, Frantz Reichel, desempenhado um papel relevante na criação deste primeiro organismo internacional de jornalistas desportivos.

Durante a década de 1920, em Espanha, o jornalismo desportivo especializado contava com algumas publicações novas, mas era no âmbito generalista que o mercado jornalístico desportivo sofria maiores mudanças. Para além dos novos periódicos que surgiram, passou a circular um enorme número de revistas humorísticas, tendo-se verificado também o aparecimento dos primeiros diários desportivos, num claro sinal da consolidação deste ramo jornalístico entre o público espanhol.

Só em 1924 foi lançado o primeiro diário desportivo espanhol, o que refletia o atraso de Espanha em relação a referências europeias como Inglaterra, França ou Bélgica, onde a criação de diários desportivos já remontava ao século anterior, mais concretamente a 1852, ano em que se dá a publicação do *Sportman*, em Londres. Em França, a estreia no campo do jornalismo desportivo deu-se em 1892, com o diário *Le Vélo*, enquanto a Bélgica avançava com o seu primeiro diário desportivo, *Les Sports*, em 1907.

1.1.1. O panorama Inglês, Francês e Espanhol

Ao invés do que se passava em Portugal, onde o fenómeno desportivo estava numa fase embrionária, o desporto era já um facto social dominante em Inglaterra, país com uma longa tradição desportiva, berço de várias modalidades como o futebol ou o rúgbi. Os Jogos Olímpicos de Londres, em 1908, reforçaram o papel do desporto na sociedade britânica, tal foi o sucesso organizativo.

Ainda assim, depois da fraca prestação inglesa nos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912, a opinião pública não poupou críticas ao Comité Olímpico Inglês, numa onda de contestação que envolveu toda a imprensa. Assistiu-se, a partir de então, a uma luta que agregou um vasto leque de jornais, que atacaram duramente os responsáveis políticos do desporto, e onde se destacavam os desportivos *Baily's Magazine of Sport and Pastimes* e o *The Field*, o que demonstrava a clara importância do desporto tanto na sociedade como na imprensa inglesa.

Em meados do século XIX começaram a aparecer jornais desportivos dedicados a várias modalidades e não apenas concentrados num único desporto. Uma das primeiras publicações periódicas europeias de cariz generalista foi o *Le Sport*, lançado em Paris a 17 de setembro de 1854.

Numa altura em que o movimento desportivo, enquanto fenómeno social, se encontrava consolidado em França, a imprensa era mesmo o reflexo da preponderância do desporto na

sociedade gaulesa. No início da década de 1910, vários jornais generalistas tinham no desporto um dos temas preferidos nas suas primeiras páginas, como eram os casos do *L'Illustration*, *Excelsior* e o *Le Petit Journal*. Entre a imprensa desportiva generalista francesa, dominavam sem dúvida o diário *L'Auto* e a revista ilustrada *La Vie au Grand Air*.

Sempre na vanguarda do jornalismo desportivo europeu, nomes como o *Le Sportsman* (Paris, 1876), *La Vie Sportive* (Paris, 1882), *La Gazette des Sports* (Saint-Étienne, 1888), *Le Sport Universel Illustré* (Paris, 1895) e *Les Sports Modernes* (Paris, 1898), ajudam a perceber o porquê da imprensa gaulesa ser uma referência para países que ainda não tinham este conceito consolidado.

Já em Espanha, o aparecimento de jornais desportivos generalistas foi ligeiramente mais tardio do que por exemplo em França. Só no fim do século XIX é que começaram a aparecer periódicos desportivos como por exemplo o *El Sport Español*, sediado em Cádiz, em 1886. Depois seguiram-se jornais como *Crónica del Sport*, em 1893, *El Sport*, *Los Deportes*, *El Campeón* e *Deportes*, quase todos eles centrados entre Madrid e Barcelona. O mesmo foi acontecendo nos restantes países da Europa, onde a prática desportiva estava umbilicalmente ligada ao meio urbano. Em França destacava-se Paris, assim como em Portugal os principais jornais se dividiam por Lisboa e Porto.

1.2. A situação portuguesa

Em Portugal existiram três importantes fases na história da imprensa desportiva. A primeira, alusiva a um jornalismo generalista, decorreu desde 1920 a 1930. A segunda fase, relacionada com a informação clubista e institucional, foi notória durante a década de 1950. A terceira e mais recente fase tem o enfoque nas publicações especializadas, e inicia-se nas décadas de 1980 e 1990.

Segundo Pinheiro (2011), as três fases que marcaram a história do jornalismo desportivo português coincidiram, naturalmente, com as diferentes fases históricas que o país viveu. Uma primeira fase, que foi de 1893 a 1910, altura da Monarquia, ficou marcada pelo nascimento e crescimento do jornalismo desportivo em Portugal. A segunda, de 1910 a 1926, durante a I República portuguesa, em que a imprensa desportiva sentiu sérias dificuldades e foi obrigada a constantes mudanças para ir sobrevivendo. Por fim, a fase da afirmação e consolidação do jornalismo desportivo, entre 1926 e 1945, que coincidiu com o início da Ditadura Militar e o fim da II Guerra Mundial.

Para além das três fases na história da imprensa desportiva lusa, para Pinheiro (2011, p.559 e 560) também o jornalista passou por três fases evolutivas: entre o final do século XIX e a década de 1910, onde teve “a tripla função de participante no ato desportivo, fazedor de notícias e patrocinador do periódico, adotando a dualidade de jornalista e doutrinário, promovendo a causa em prol do benefício social”; no início dos anos 1920, onde o jornalista

tinha ao seu dispor um maior volume noticioso, muito graças à “proliferação dos jornais generalistas, reflexo da popularização da ideia de desporto (em especial do futebol) um pouco por todo o País”; e no início da década de 1940, em que termina a criação de novos jornais, mas se mantém “o espírito de missão pela causa desportiva, que só viria a ser abandonado para segunda metade da década de 1970, quando as sociedades comerciais (vacionadas para um princípio de lucro) começaram a dominar a propriedade dessas publicações”.

1.2.1. A Monarquia: nascimento e crescimento

O desporto teve o seu grande desenvolvimento a partir do final do século XIX, tornando-se num elemento cultural de grande transcendência na intercomunicação das pessoas e dos povos, assistindo-se, já no século XX, à afirmação do desporto como um factor social de extrema importância.

Posto isto, foi com naturalidade que foram surgindo na Europa as primeiras publicações especializadas na área desportiva. A vanguarda desportiva iniciou-se em França, com o *Le Sport*, que se publicou pela primeira vez em 1854. Dois anos depois é em Espanha que surge a revista *El Cazador* e, em Inglaterra, é o diário desportivo *Sportsman* que obtém grande sucesso. Até os próprios jornais generalistas de referência começaram a reservar espaços para o desporto, como sucedeu com o diário norte-americano *New York Journal*, o francês *Le Figaro* e o inglês *Times*.

Em Portugal a realidade era outra. Os jornais com conteúdos desportivos tardavam a aparecer e, dos 1407 jornais publicados entre 1641 e 1873, nenhum era dedicado a esta especialidade. Mais de 800 tratavam de política; literatura também apresentava grande número de publicações, assim como inúmeros eram os satíricos e os que faziam referência ao teatro.

O jornalismo desportivo português teve a sua origem no último quartel do século XIX, tendo como base a “imprensa especializada, de cariz tradicional (tauromaquia, caça, tiro) e educativa (ginástica), alargando-se pouco depois às modalidades elitistas do ciclismo e automobilismo” (Pinheiro, 2011).

Esta especial atenção dada ao desporto foi motivada pelo que se estava a passar na Europa. Portugal apanhou a boleia das outras potências europeias e foi-se publicando, ainda que ocasionalmente, artigos sobre diversas modalidades desportivas em jornais generalistas como o *Jornal do Comércio*, *O Século*, *Diário de Notícias* e *Diário Popular*.

A escassa publicação de artigos sobre desporto só terminou graças ao *Diário Ilustrado*, que a partir de 1892 passou a apresentar a primeira secção desportiva regular, a cargo de António Bandeira, considerado o primeiro jornalista desportivo português a escrever sobre futebol.

O *Velocipedista*: foi este o nome do primeiro jornal desportivo português, dedicado ao ciclismo. Surgido em 1893, no Porto, ele deu o mote para que ao longo das décadas seguintes vários jornais dominassem o panorama da informação desportiva - uma área que se consolidaria definitivamente em Portugal na segunda metade da década de 40 do século XX.

As dificuldades de comunicação da época foram agravadas por ter sede no Porto e, também devido à falta de apoios oficiais e à ausência de receitas, este jornal desportivo viu chegar o seu fim dois anos depois do seu aparecimento.

Numa área ainda por desbravar, nomeadamente em Portugal, surge o *Tiro Civil*, com uma estratégia editorial de alargamento dos conteúdos noticiosos, com vista a aumentar as vendas e a consolidar um projeto jornalístico capaz de se aproximar do melhor que se fazia na Europa. Sendo um projeto já bastante reconhecido, o *Tiro Civil* terminou o seu percurso a 15 de dezembro de 1903, fundindo-se com a *Revista de Sport*, que surgiu no ano seguinte. A aproximação de princípios e a semelhança de programas editoriais destas duas publicações quinzenais, aliadas à ambição de produzir uma publicação desportiva de alto nível, permitiram uma fusão que levou ao nascimento do *Tiro e Sport*, em 1904.

A nova publicação apostou, desde logo, numa estratégia de vendas de acordo com o que faziam as melhores revistas europeias da especialidade. As publicações saíam com dois tipos de edições: uma em papel de jornal normal, com um preço mais reduzido e outra, de luxo, em papel *couché*.

Foi com relativa naturalidade que, sob a égide de Anselmo de Sousa, Senna Cardoso e Pinto da Cunha, o *Tiro e Sport* alcançou o patamar de melhor publicação desportiva portuguesa durante a primeira década do século XX, tendo também estado na origem de muitas iniciativas desportivas, com destaque para a organização do primeiro torneio de futebol interclubes em Portugal. O sucesso do jornal e a preservação da atualidade das notícias obrigou o *Tiro e Sport* a passar de quinzenal para trimensal, publicando-se nos dias 10, 20 e 30 de cada mês.

Contudo, os anos seguintes a 1910 - data da implantação da República em Portugal -, trouxeram consigo graves conturbações para a vida do *Tiro e Sport*. O momento que Portugal atravessava fez com que entre setembro de 1912 e janeiro de 1913 não se publicasse nada, devido a uma greve de tipógrafos e à ausência do diretor técnico da publicação. O desaparecimento definitivo deste jornal sucederia em junho de 1913, mas para a história ficaria como a primeira grande referência da imprensa desportiva portuguesa, não só pela qualidade de impressão, como também pela qualidade informativa e organizativa.

Durante o período monárquico houve ainda outras publicações desportivas, com destaque para *O Sport* e *Os Sports*.

O primeiro foi criado em 1900, com o objetivo de se dedicar em exclusivo ao ciclismo, mas com o alargamento noticioso ao automobilismo, o jornal passou a dividir as atenções por estas duas modalidades desportivas.

O *Sport* foi um jornal que teve uma vida cheia de agitações e irregularidades. Chegou mesmo a ser semanal e a publicar crónicas dos correspondentes estrangeiros, nomeadamente de Paris, Madrid e África. Mas a doença do diretor obrigou a vários e prolongados interregnos na publicação, como aconteceu entre 31 de março e 11 de setembro de 1904, período em que mudou de mãos. A mudança não correspondeu a melhorias, e tanta instabilidade iria mesmo

culminar com o fim d'*O Sport* em 1905, depois de 57 números de um título importante na fase de arranque da imprensa desportiva portuguesa.

Quanto ao jornal *Os Sports*, surgiu em outubro de 1905 sob a direção de um dos mais importantes nomes do jornalismo desportivo em Portugal, José Pontes.

Com uma visão mais inovadora no que à componente gráfica dizia respeito, este jornal bissemanário ainda não tinha completado o primeiro ano de existência e já tinha aperfeiçoado a sua estrutura, apresentando um aspeto mais cuidado e interessante. Apesar de bem dirigido, *Os Sports* não conseguiu escapar à habitual instabilidade que afetou a imprensa desportiva nesta época. O inevitável fim chegou em 1909, legando para a história 363 números de grande qualidade, tendo sido a publicação desportiva que maior número de edições fez durante esta década.

Tabela 1 - Caracterização dos principais jornais desportivos durante a Monarquia (1893-1910)

Publicação	Data	Edições	Periodicidade	Sede	Diretores
<i>O Velocipedista</i>	01.03.1893 -15.12.1895	68	Quinzenal	Porto	Vidal Oudinot Alberto Bessa
<i>O Tiro Civil</i>	07.03.1895 - 15.12.1903	273	Semanal	Lisboa	Anselmo de Sousa
<i>Tiro e Sport</i>	15.01.1904 - 30.06.1913	240	Quinzenal	Lisboa	Anselmo de Sousa Senna Cardoso
<i>O Sport</i>	15.11.1902 - 09.07.1905	57	Quinzenal	Lisboa	Augusto Rato J.Nobre Martins
<i>Os Sports</i>	22.10.1905 - 15.04.1909	363	Bissemanal	Lisboa	José Pontes

Fonte: adaptação de Pinheiro, 2005, p.177

1.2.2. A I República: dificuldades, instabilidades e mudanças

Nesta fase a imprensa desportiva sofreu o impacto de um fator extra, a I Guerra Mundial, que decorreu entre 1914 e 1918. Como refere Sondhaus,

A primeira Guerra Mundial - uma revolução global em muitos aspetos - acima de tudo redefiniu o que as pessoas poderiam aceitar, suportar ou justificar, e por isso se destaca como um marco na experiência humana pelo que dessensibilizou a humanidade para a desumanidade da guerra moderna. (Sondhaus, 2011, p.11)

Neste período poucos jornais sobreviveram, vítimas da grave crise económica que se instalou a nível geral. Nesses 4 anos de conflito, em Portugal apenas um jornal desportivo se conseguiu manter em atividade, o *Sport de Lisboa*, que não só sobreviveu à guerra como se aguentou durante muitos anos (1913-1934).

Na segunda década do século XX, a primeira publicação que se destacou foi o seminário *Os Sports Illustrados*, lançado a 11 de julho de 1910, dirigido por José Pontes. Este jornal destacava-se dos outros pelos seus conteúdos noticiosos, onde se dava relevância, por exemplo, ao automobilismo e à aviação. As constantes mudanças na direção do jornal revelaram uma instabilidade difícil de ultrapassar e essas dificuldades diretivas e económicas ditaram o seu desaparecimento, em meados de 1913.

Sport Lisboa e Benfica foi a publicação que se seguiu a *Os Sports Illustrados*, a 24 de agosto de 1913. Este órgão noticioso, para além de estar relacionado com o *Sport Lisboa e Benfica*, tinha um cariz informativo mais amplo, com secções variadas.

Em março de 1915, este jornal fundiu-se com o semanário *Jornal de Sport* e deu origem a *O Sport de Lisboa*, o qual se tornou mesmo um jornal desportivo de referência, algo que ambicionava desde o início. Esta fusão motivou o desaparecimento do símbolo benfiquista, com Álvaro de Lacerda a assumir a direção do jornal.

Mesmo com os tempos difíceis que se viviam não só no resto da Europa, como sobretudo em Portugal, *O Sport de Lisboa* conseguiu superar a difícil tarefa de sobrevivência e foi a única publicação desportiva portuguesa a resistir às dificuldades causadas pelo primeiro grande conflito mundial.

Com todas estas contrariedades, o prestígio do diretor Álvaro de Lacerda tornou-se na grande mais valia do jornal, fundamental na consolidação do mais importante projeto jornalístico dos anos 1910. Até cerca de 1920 foi o mais importante e influente jornal desportivo nacional, tendo surgido nessa altura outras publicações desportivas como *Os Sports* e o *Sporting*.

A 6 de abril de 1919 aparece, então, outra grande referência desportiva: *Os Sports*. Publicado num formato grande (tipo *Diário de Notícias*), este bissemanário saía todas as quintas-feiras e domingos, apresentando um conteúdo bastante alargado, chegando a contar com correspondentes de Manchester, Vigo e Toulouse. Esta publicação abrangia também áreas culturais, com páginas dedicadas exclusivamente ao teatro. Por tudo isto, aliado aos constantes aumentos nos preços da composição tipográfica, o preço do jornal teve de aumentar.

Apesar das enormes dificuldades económicas, no primeiro semestre de 1921 *Os Sports* aumentaram a sua periodicidade para trissemanário, com exceção do Verão, em que o término dos campeonatos de futebol trazia consigo uma redução automática nas vendas.

De abril a setembro de 1924 o jornal suspendeu a atividade para remodelar os seus serviços tipográficos e o aspeto gráfico. Nos tempos que se seguiram foram várias as mudanças na direção desta publicação, que se chegou a assumir como o jornal desportivo de maior tiragem e de maior expansão em Portugal, em 1926.

O único concorrente capaz de competir com *Os Sports* durante a década de 1920 foi o *Sporting*, um semanário desportivo sediado no Porto e que foi lançado a 25 de março de 1921, sob a direção de Lobão de Carvalho.

Impresso em papel em tons de cor de rosa, este jornal era inicialmente conhecido precisamente como “O rosa”. Começou por publicar com pouca qualidade gráfica, denotando-se nele também uma clara defesa dos interesses do norte do país. Aos poucos foi-se afirmando no panorama nacional, com crónicas de reconhecida e elevada qualidade, destacando-se das outras publicações pela cobertura noticiosa dos jogos da Seleção Nacional de Futebol. Entre 14 de Maio e 14 de novembro de 1924 *O Sporting* interrompeu a publicação, com vista a fazer surgir o primeiro diário desportivo português, o *Diário de Sport*, que embora fosse um jornal de grande qualidade informativa, se revelou um fracasso. O triste desfecho da curta história do primeiro diário desportivo português teve como consequência o ressurgimento do *Sporting*, ainda que sob nova direção. Oliveira Valença, jornalista desportivo e presidente do Boavista FC, relançou a publicação, que em janeiro de 1926 passou a bissetimanal.

Tabela 2 - Caracterização dos principais jornais desportivos na I República (1910-1926)

Publicação	Data	Edições	Periodicidade	Sede	Diretores
<i>Tiro e Sport</i>	15.01.1904 - 30.06.1913	240	Quinzenal	Lisboa	Anselmo de Sousa Senna Cardoso
<i>Os Sports Illustrados</i>	11.07.1910 - 31.05.1913	152	Semanal	Lisboa	José Pontes Armando Machado J. Nobre Martins
<i>O Sport Lisboa e Benfica</i>	24.08.1913 - 27.02.1915	81	Semanal	Lisboa	Alberto Lima
<i>O Sport de Lisboa</i>	13.03.1915 - 26.05.1934	1058	Semanal	Lisboa	Álvaro de Lacerda Eduardo M. Pereira José Colmeiro
<i>Os Sports</i>	06.04.1919 - 04.04.1945	3101	Bissetimanal	Lisboa	A. Campos Júnior Cândido de Oliveira Gomes Monteiro Raul de Oliveira
<i>Sporting</i>	25.03.1921 - 01.09.1953	2061	Semanal	Porto	Lobão de Carvalho Oliveira Valença

Fonte: adaptação de Pinheiro, 2005, p.182

1.2.3. Da Ditadura Militar à II Guerra Mundial: afirmação e consolidação

Apesar do período que Portugal viveu com a mudança política em 1926, os últimos dois jornais desportivos publicados durante a I República, *Os Sports* e *O Sporting*, conseguiram manter a sua forte acuidade informativa, social e desportiva. Tal sucesso de ambos deveu-se, sobretudo, à maior preocupação com a qualidade gráfica, com constantes mudanças que tornavam os jornais cada vez mais atrativos. Deste modo, em janeiro de 1927, o jornal *Os Sports* sofreu uma profunda remodelação gráfica, com uma ampliação do seu formato e uma inovação ao nível dos processos gráficos de impressão, passando a ser impresso nas tipografias do *Diário de Notícias*.

A aproximação de *Os Sports* ao *Diário de Notícias* foi cada vez mais notória quando, depois do afastamento de Cândido de Oliveira do posto de diretor, as instalações mudaram de local em Lisboa, passando para a Rua do Diário de Notícias. Em maio de 1927 consumou-se a definitiva aproximação entre ambos os jornais, com a propriedade de *Os Sports* a ser cedida ao *Diário de Notícias*, o que reforçou ainda mais o importante papel deste jornal em Portugal e no jornalismo português.

Até 1945, *Os Sports* manteve-se como um dos mais importantes jornais desportivos, tendo sido o pioneiro no que toca ao desporto internacional, pois passou a contar com uma secção regular na primeira página, a partir de 1938.

Face à concorrência, que era cada vez maior, *Os Sports* voltou a apostar numa vasta mudança gráfica, em 1943, aquando da comemoração do seu 25º aniversário. Aumentou a sua periodicidade para mais um dia, passando a ser publicado quatro vezes por semana (segundas, quartas, sextas e domingos). A cor nos cabeçalhos e nos títulos de primeira página passou a ser uma novidade. Embora estas mudanças tenham tido relativo sucesso, a *Stadium* e *A Bola* (jornal nascido em janeiro de 1945 e que ainda hoje existe), ditaram o fim de *Os Sports*, com a sua última edição a sair para as bancas a 4 de abril de 1945. Chegava assim ao fim um dos capítulos mais bonitos da história do jornalismo desportivo português.

De modo a tentar acabar com os adversários que nesta fase dominavam o panorama jornalístico, foi lançada uma publicação desportiva que tinha como objetivo suceder ao velho *Os Sports*, *O Mundo Desportivo*. Era assim que se chamava o novo trissemanário português, que fracassou oito anos depois da sua estreia, revelando-se fraco perante novas potências nacionais como *A Bola* e o *Record*, que à imagem do que ainda hoje acontece, dominavam na altura.

Também o jornal português *Sporting* continuou ao longo das décadas a ser um jornal de referência em Portugal. Conhecido, como já dissemos, como o “Rosa”, esta publicação apostou igualmente em diversas reformulações gráficas, como sucedeu em setembro de 1930, novembro de 1932 ou maio de 1933. Diferente dos outros jornais da altura, as páginas do *Sporting* foram sempre espaço de debate de ideias não só relativas aos fenómenos desportivos como também a todos os assuntos da atualidade nacional e também internacional.

Apesar de, a partir da edição de 15 de fevereiro de 1929, este ser um jornal visado pela Comissão de Censura, isso não foi um motivo que preocupasse realmente Oliveira Valença, diretor do jornal, que afirmava que a Censura pouco afetava o *Sporting*: “Como jornal da especialidade desportiva, a censura raramente mexe nas suas colunas. (Pinheiro, 201, p.269).

Com a chegada da II Guerra Mundial houve um natural aumento dos custos dos materiais, e o seu papel cor de rosa foi substituído por um mais barato, de cor branca. Para complicar ainda mais o futuro do jornal, a forte concorrência determinou uma diminuição da influência jornalística do *Sporting*, muito por culpa d’*O Norte Desportivo*, que se assumiu como principal referência jornalística do norte do país. Ainda assim, o *Sporting* conseguiu resistir até setembro de 1953, depois de 2061 edições.

Nomes como a *Stadium* (1932-1951) e o já citado *O Norte Desportivo* (1934-1983) foram publicações muito importantes no panorama da história da imprensa desportiva portuguesa no período entre o início da Ditadura Militar, em 1926, e o fim da II Guerra Mundial, em 1945.

Custando um escudo, o primeiro número da *Stadium* foi lançado a 17 de fevereiro de 1932, tendo incluído desde sempre no seu cabeçalho o subtítulo “Revista Portuguesa de Todos os Sports”. Esta publicação semanal, dirigida por Carlos da Silveira, apresentava uma elevada qualidade gráfica, tanto ao nível do papel e da impressão como do design. Tudo isto tornou esta revista uma revista inovadora, não só a nível da imprensa desportiva como a nível da imprensa em geral. Em 1938 já se intitulava mesmo “O Maior Seminário Desportivo da Península”.

À semelhança do que aconteceu com as outras publicações, a II Guerra Mundial levou as desportivas à seleção de produtos mais baratos ao nível do papel e da própria impressão. A falta de papel seria mesmo o principal motivo da suspensão *Stadium* entre março e maio de 1941, altura em que era igualmente visada pela Comissão de Censura. Nesta fase conturbada, o jornal sofreu várias mudanças na direção e foi com Raul Vieira no cargo que a crise de julho de 1942 determinou o fim da I série da *Stadium*, que viria a retomar a sua vida no fim do mesmo ano, com um novo diretor, assim como um novo aspeto gráfico.

A revista continuou com os melhoramentos gráficos, que eram sinónimo de uma clara aposta de continuidade na inovação, primando pela qualidade das fotografias e da impressão. Iguualmente vítima do sucesso d’*A Bola* e do *Record*, a revista *Stadium* viria a desaparecer em dezembro de 1951, depois de ter deixado a sua marca nas décadas de 1930 e 1940.

Saído para as bancas a 18 de fevereiro de 1934, o *Norte Desportivo* foi uma outra publicação que obteve bastante sucesso durante o tempo que durou. Sucessor d’*O Porto Desportivo*, “O Norte”, como era conhecido, era um bissemanário de qualidade, em formato grande, à semelhança dos melhores jornais generalistas da altura. Em outubro de 1936 passou a exibir o subtítulo: “O jornal da especialidade com maior tiragem e expansão aquém Mondego.” Nesta fase, esta reconhecida publicação contava com colaboradores de enorme prestígio. Não fugindo à regra, a guerra obrigou *O Norte Desportivo* a suspender as suas publicações entre julho de 1941 e janeiro de 1942, devido à escassez de condições económicas. Após retornar às

bancas, o jornal foi sofrendo alterações tanto no formato como a nível gráfico, passando a ter cor vermelha no cabeçalho e nos títulos.

Apesar de todas as dificuldades com que se deparou durante o período da guerra, aliado ao demolidor impacto da concorrência, *O Norte Desportivo* foi o único jornal a sobreviver à chegada de *A Bola* e do *Record*. Conseguiu manter-se com sucesso durante as décadas seguintes, afirmando-se como o claro sucessor do *Sporting* no que toca à defesa dos interesses do Porto e do Norte, tanto no desporto como na vida nacional. Assim foi até junho de 1983, altura em que desapareceu a primeira série deste jornal.

Pode-se concluir, do que foi dito, que a consolidação da imprensa desportiva portuguesa se consumou em meados da década de 40 do século XX, assim como a ideia de desporto, deixando para trás um ciclo dominado pela instabilidade das publicações. Jornais como *A Bola* e o *Record* foram a confirmação de que o jornalismo desportivo era a área da informação especializada mais popular, tendo milhares de leitores semanais.

Para isso, o papel do futebol foi fundamental. A popularização do mesmo nos anos 1930 e 1940 contribuiu de maneira decisiva para a consolidação deste género de imprensa.

As associações e federações desportivas, em conjunto com os jornais desportivos, tornaram-se, durante todo este período (1893-1945), nos principais dinamizadores do desporto em Portugal, ajudando-se mutuamente nesse papel.

A imprensa desportiva nacional, ao longo de toda a sua história, tentou seguir os modelos apresentados pelos melhores jornais desportivos europeus, a nível da qualidade do papel, design gráfico, impressão e estruturação noticiosa. Esta postura de copiar o que de melhor se fazia no estrangeiro era compreensível, pois certas publicações europeias, nomeadamente as francesas, tinham já uma história de prestígio que durava há algumas décadas. Talvez por isso a imprensa francesa fosse a mais idolatrada pelo jornalismo desportivo português, seguindo-se-lhe a inglesa.

Tabela 3 - Caracterização dos principais jornais desportivos entre o início da Ditadura Militar e o final da II Guerra Mundial (1926-1945)

Publicação	Data	Edições	Periodicidade	Sede	Diretores
<i>Os Sports</i>	06.04.1919 - 04.04.1945	301	Bisemanal	Lisboa	A. Campos Júnior Cândido de Oliveira Gomes Monteiro Raul de Oliveira
<i>Sporting</i>	25.03.1921- 01.09.1953	2061	Semanal	Porto	Lobão de Carvalho Oliveira Valença
<i>Stadium</i>	17.02.1932 - 01.12.1951	1000	Semanal	Lisboa	Carlos da Silveira Lança Moreira Raul Vieira Guilhermino Matos
<i>O Norte Desportivo</i>	18.02.1934 - 30.06.1983	4788	Bisemanal	Porto	Rodrigues Teles J. Alves Teixeira Fernando Passos

Fonte: adaptação de Pinheiro, 2005, p.189

À popularização do jornalismo desportivo não correspondeu, no entanto, o prestígio dos seus profissionais:

Há alguns anos, não muitos, o jornalismo desportivo era aceite, no máximo, como de segunda divisão. Os seus profissionais e colaboradores sentiam (sentem?) o estigma, mesmo praticando o jornalismo de maior audiência em Portugal. Se existe domínio onde o exercício do jornalismo tem de vencer preconceitos e derrotar mal-entendidos ele é o desportivo. (Sobral e Magalhães, 1999, p. 7)

Os jornais desportivos portugueses, na fase da sua consolidação, tiveram o enorme contributo da sua “adaptabilidade gráfica, emotividade discursiva ou capacidade organizativa, criando um espaço aberto a interpretações reais e imaginárias” (Pinheiro, 2011, p. 559).

Desde os seus primórdios e, durante todo o século XX, apenas existiram em Portugal quatro jornais desportivos diários: os ainda hoje existentes *A Bola*, *Record* e *O Jogo*, e o mais antigo, *O Norte Desportivo*. Contudo, nem *A Bola* nem o *Record* nasceram como diários. O primeiro iniciou a sua publicação diária apenas em 1995, e com valores acima dos 160 000 exemplares. O segundo passou a ter uma periodicidade diária no ano de 1997: “Após o primeiro ano de existência como diários, este trio de jornais vendia, no seu conjunto, quase tanto exemplares como os quatro principais jornais de informação geral” (Pinheiro, 2011, p.536).

1.2.4. A revolução de 1974 e o seu impacto na imprensa desportiva portuguesa

Chegou então um dos momentos mais marcantes e conturbados da história não só do jornalismo desportivo como também do nosso país: o 25 de abril de 1974, conhecido como a “Revolução dos Cravos”. Se por um lado houve um enorme crescimento na imprensa desportiva - apareceram 60 novas publicações entre 1975 e 1978-, por outro, os periódicos de referência viveram períodos de grande inquietação. A implementação de um regime democrático fez com que os media tentassem pôr em prática a liberdade de imprensa que lhes dava um poder emergente capaz de influenciar cada vez mais a sociedade portuguesa.

Os jornais de referência, no que ao desporto diz respeito, continuaram a ser os mesmos: *O Norte Desportivo* (1934), *A Bola* (1945), *Mundo Desportivo* (1945) e *Record* (1949). Todos eles foram afetados por este conturbado período político, social e económico que se viveu em Portugal após a Revolução de 25 de abril de 1974, sendo a principal quebra notória o decréscimo nas vendas, com as preocupações desportivas a passarem para segundo plano. “Durante a ditadura, as análises ideológicas ao papel do desporto, da imprensa e do futebol passaram a ser uma constante realidade” (Coelho, 2001).

Ainda assim, um dos mais afetados por este desinteresse momentâneo pelo desporto e, em especial pelo futebol, foi *A Bola*, que na altura era a principal publicação em termos de tiragem e vendas. Também o facto de existirem redatores do jornal com ligações a vários quadrantes políticos contribuiu para que houvesse uma certa desconfiança por parte dos leitores, que acabava por se alargar a todos os outros jornais do jornalismo português. Foi precisamente nesta altura que *A Bola* comemorou o seu 30º aniversário, o primeiro em liberdade, dirigido por Silva Resende, que pouco tempo depois cedeu o lugar a Carlos Miranda, ligado aos quadrantes políticos de esquerda.

Já o *Record*, que recentemente tinha sido alvo de muitas mudanças ao nível do logótipo, composição gráfica e preço, recebeu em Janeiro de 1975 a notícia de que os jornalistas desportivos iriam ter direito a uma carteira profissional e o estatuto de jornalistas. Mas nem tudo eram boas notícias, já que o elevado passivo colocava em causa a sobrevivência deste jornal, que sofreu mudanças na direção e teve mesmo que interromper a publicação entre 25 de novembro e 12 de dezembro de 1975. Na sequência desta crise o *Record* viu-se obrigado a alterar os dias de saída, de forma a evitar a concorrência direta de *A Bola*, passando a sair às sextas-feiras e aos domingos, mantendo a edição da terça-feira.

O *Mundo Desportivo* continuava a sair às segundas, quartas e sextas-feiras, e em janeiro de 1975 teve que aumentar o preço da capa para combater os aumentos dos custos do papel e da impressão, assim como o aumento das remunerações dos trabalhadores, onde se incluíam os jornalistas. Na altura da Revolução do 25 de abril, o *Mundo Desportivo* esteve sempre politicamente ativo, tendo, inclusive, condenado a tentativa de golpe de Estado do 11 de março por parte dos militares afetos ao general Spínola. Sem fugir à regra, a vida interna do

jornal também seria afetada em meados de março de 1975, quando se tornou pública a integração do diretor José Moreira Boavida-Portugal numa ex-comissão do distrito de Lisboa da Assembleia Nacional. Esta polémica levou a que fosse nomeado interinamente para o seu cargo o até então chefe da redação, António Castro.

Instáveis, por esta altura, continuavam as relações entre a imprensa desportiva de Lisboa e a do Porto, originadas sobretudo pelo futebol e pela luta de poder por parte dos, ainda hoje, maiores clubes de Portugal (Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal, em Lisboa e Futebol Clube do Porto, na Invicta). Todas as movimentações por parte dos ‘três grandes’ tinham um reflexo imediato na imprensa desportiva, principal motivo de vendas. A instabilidade política que o país atravessava foi a principal causa da efemeridade dos novos títulos generalistas que apareceram no pós 25 de abril já que, devido ao desinteresse pelo desporto, pouco se aguentavam em atividade. Durante estes três anos (de 1975 a 1978), também a imprensa desportiva especializada teve um crescimento considerável, com o aparecimento de 14 novos periódicos, sendo que 11 eram sediados em Lisboa.

Os desportos motorizados, sobretudo o automobilismo, eram o campo dominante, contabilizando um total de seis periódicos, sendo que cinco deles estavam sediados em Lisboa. Biografias desportivas, caça e pesca, ténis, atletismo e judo-karaté foram os outros temas que emergiram na imprensa desportiva especializada em Portugal.

É certo que, sob o antigo regime, as relações da imprensa com os poderes do Estado e dos partidos eram extremamente nocivas para o jornalismo. Mas também para eles, como para todos os Estados modernos, parece válida a afirmação de que o homem que trabalha no jornalismo tem cada vez menos influência política, ao passo que o magnate capitalista da imprensa tem cada vez mais. [...] A carreira jornalística já não é (ou ainda não é) uma via normal para ascender à chefia política. Apesar disso, a carreira jornalística continua a ser um dos caminhos mais importantes para o profissionalismo político, caminho que não é trilhável por toda a gente, sobretudo pelos fracos que precisam de situação segura. (Weber, 1917, p.38-44)

Depois do crescimento e inquietação resultantes da Revolução, seguiram-se períodos de acalmia, acontecendo que, no espaço de seis anos (1979-1984), iniciaram atividade 41 novos títulos desportivos. De todos eles, 19 eram periódicos especializados, 16 órgãos de clubes e instituições e 6 generalistas. Esta ligeira preponderância de títulos especializados era o reflexo da mudança de ciclo na imprensa desportiva portuguesa, que anteriormente era dominada pelos órgãos clubistas e institucionais. Já a imprensa desportiva generalista também sofreu grandes mudanças, tendo inclusive algumas publicações reforçado o seu estatuto a nível nacional (*A Bola* e *Record*), enquanto que outras acabaram por seguir o caminho inverso, a extinção (*Mundo Desportivo*).

A periodicidade destes líderes, em termos de vendas, passou a ser diária; juntamente com outra publicação (*O Jogo*), ainda hoje dominam no panorama do jornalismo desportivo português.

Capítulo 2. O desporto como fenómeno global e televisivo

A imprensa desportiva portuguesa atual - incluindo nesta designação não apenas a imprensa propriamente dita, em sentido estrito, mas os meios de comunicação que têm o desporto como tema - caracteriza-se, entre outras, por duas grandes tendências: a sua orientação para a globalização, para o entendimento do desporto como um fenómeno global; e a importância crescente da televisão e dos programas televisivos dedicados ao desporto - sendo que desporto quer dizer, na maior parte dos casos futebol. É destas duas tendências que trata, precisamente, este capítulo.

2.1. A globalização do fenómeno desportivo

Hoje os tempos são outros. O que antes era uma escassez, sendo Portugal um dos últimos países a consolidar a vertente desportiva no que toca ao jornalismo, será hoje um excesso informativo no seio dos meios de comunicação nacionais. Analisando o jornalismo desportivo televisivo português, onde não entram, obviamente, os canais desportivos (pois a totalidade dos programas têm um cariz desportivo), percebe-se que o futebol é o claro dominador dos conteúdos televisivos.

Isto remete-nos para um tema que está na origem de tudo o que, ainda hoje, está a acontecer: a globalização, que por sinal está cada vez mais interligada com o futebol.

De acordo com Campos e Canavezes (2007, p.18), a globalização contemporânea “compreende novas dinâmicas com importante dimensão e impacto, e que constituem uma verdadeira transformação do mundo em que vivemos”. Para Barata-Moura (2008), ela é simultaneamente um fenómeno e um desiderato “de extensão universal de um regime determinado de organizar a produção e a reprodução do viver, a partir de uma experiência histórica marcante, a saber: a do capitalismo desenvolvido como formação económica e social.” (p.65).

A globalização é, assim, um fenómeno que influencia tudo o que nos rodeia. Apesar de ainda ser um assunto emergente e um processo em construção, tem suscitado as mais diversas interpretações. Do comércio à cultura, da comunicação à economia, tudo o que está presente no dia-a-dia está a sofrer as consequências deste complexo fenómeno, e o desporto não foge à regra. Apesar de existir desde o tempo dos descobrimentos, este fenómeno expandiu-se no final do século XX, com o auxílio das tecnologias da informação.

O futebol e a globalização estão, como dizíamos, cada vez mais interligados. O desporto em geral é, talvez, nos dias de hoje, a forma mais popular de participação cultural, o domínio mais universal da cultura, capaz de anular barreiras como a língua, a religião, as fronteiras geográficas, as manifestações de nacionalismo. O futebol, em particular, tem a capacidade de aproximar adeptos, atletas e simpatizantes por todo o mundo, e este é um dos aspetos da

globalização que está a mudar a paisagem do desporto. Isto (a compreensão da globalização no futebol), faz com que se olhe para as origens do futebol e se vejam as mudanças de que está hoje a ser alvo.

Em meados do século XIX aconteceram as primeiras partidas de futebol, em Inglaterra. Este desporto começou a cativar as pessoas e foram-se impondo regras, a primeira das quais em 1868, estabelecendo a presença de apenas um árbitro dentro de campo e a colocação de travessões de madeira nas balizas. Com o avançar do tempo juntaram-se à Inglaterra a Escócia, o País de Gales e a Irlanda para formar a *International Board*, que ainda hoje é um órgão filiado na FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado). Aos poucos foram-se alterando as regras e implementando outras que ainda hoje são utilizadas. O futebol começou a crescer, ganhou popularidade e apoio; os meios de comunicação eletrónicos investiram na sua transmissão, o que fez com que ganhasse adeptos pelo mundo fora e, a partir daí, iniciaram-se as competições nacionais de cada país e as competições a nível de seleções, como os Campeonatos da Europa e do Mundo.

Recentemente, o futebol deixou de ser apenas um desporto e tornou-se uma indústria global, o que está a produzir alterações tanto na componente desportiva como na componente social do jogo. A racionalidade económica está a levar o futebol a passar, progressivamente, de uma base nacional para uma base transnacional. O desporto como entretenimento televisivo ganha uma importância própria. O futebol deixou de ser apenas o clube local ao fim de semana ou a selecção nacional quando defronta estrangeiros, passando a abranger as grandes equipas e os grandes jogadores, ainda que não se tenha nenhum tipo de relação afetiva com eles.

2.2. Conteúdos desportivos televisivos em Portugal

Atualmente, os canais generalistas não têm programas desportivos. Ainda assim, a RTP tem os direitos televisivos da Liga dos Campeões de futebol, assim como a transmissão dos jogos mais importantes da Liga Sport Zone de futsal. A SIC detém os direitos da Liga Europa de futebol e a TVI os direitos da Taça da Liga em Portugal.

Já os canais agregados aos generalistas (SIC Notícias, TVI 24, etc.), que estão disponíveis nos diversos operadores televisivos, integram os mais variados conteúdos desportivos, em que o futebol é claramente o tema dominante.

Como mostra a tabela 4, muitos programas existentes na televisão portuguesa assemelham-se, não só pelo facto de abordarem sobretudo o futebol, mas também por adotarem um formato idêntico, com convidados e apresentadores que comentam a actualidade do desporto nacional.

. RTP 2

- Desporto 2

O “Desporto 2” é o espaço de todos os atletas de excelência. Apresentado por Paulo José Martins e Alexandre Santos, este programa bissemanal pode considerar-se uma das raras exceções ao panorama geral, já que aborda as várias modalidades praticadas não só em Portugal como também no estrangeiro.

. RTP 3

- Grande Área

Este é um programa semanal que fala de futebol, apresentado por Manuel Fernandes Silva e que conta ainda com a presença dos comentadores Carlos Daniel, Bruno Prata e Manuel José e Álvaro Costa, num debate que pretende analisar todas as jornadas da Liga NOS, nas suas várias vertentes, com uma forte presença nas redes sociais.

- Trio D’Ataque

Este é mais um programa desportivo da RTP3, onde se fala principalmente sobre futebol. Estreou a 19 de outubro de 2004 e vai para o ar aos domingos, depois de vários anos (até agosto de 2012) a ser emitido às terças-feiras. Consiste num debate onde três comentadores plenamente identificados quanto às suas simpatias clubísticas (Benfica, Porto e Sporting) discutem a atualidade desportiva, mediados por Hugo Gilberto. O painel de comentadores é atualmente composto por João Govern, ligado ao Benfica, Miguel Guedes, adepto do Porto e Rui Oliveira e Costa, simpatizante do Sporting.

. SIC Notícias

- Play-Off

Num dos programas onde Rui Santos é protagonista, o “Play-Off” reúne três dos maiores expoentes do futebol português: Rodolfo Reis, João Alves e Augusto Inácio. Neste espaço fala-se de tudo o que envolve o futebol português como os casos da semana, os jogos e as polémicas envolventes, etc.

- O Dia Seguinte

“O Dia Seguinte”, que teve início em agosto de 2003, é igualmente um programa desportivo onde se fala sobre futebol e sobre tudo o que ocorreu na jornada anterior da Liga NOS. Vai para o ar às segundas-feiras e é o líder de audiências em neste segmento de oferta, sendo um dos programas mais vistos do canal. Três comentadores, mediados por um moderador, opinam sobre o clube do seu coração, à semelhança do que ocorre no “Trio D’Ataque”. Atualmente apresenta um painel de comentadores composto por Rui Gomes da Silva (Benfica), José Guilherme Aguiar (Porto) e Rogério Alves (Sporting), sendo Paulo Garcia o moderador. Anteriormente, já contou com comentadores como Fernando Seara, Sílvio Cervan, Dias Ferreira e Rui Oliveira e Costa, tendo tido como moderador David Borges.

- Golf Report

Um dos poucos programas que não aborda o tema forte, o futebol. É um programa semanal dedicado ao Golf, uma modalidade claramente secundária, e que faz a cobertura dos mais diversos torneios amadores e profissionais, tanto a nível nacional como internacional. O programa é também um espaço com dicas acerca deste desporto.

- Sic Notícias Running

Programa também inovador e diferente do que é habitual nos ecrãs portugueses, é um magazine semanal de corrida. Com apresentação de Carina Vaz, o Sic Notícias Running pretende dar a conhecer o universo da corrida em todas as suas vertentes.

- Tempo Extra

Este programa é da autoria de Rui Santos, um especialista na área de opinião. Por isso mesmo o “Tempo Extra” é um espaço de opinião com a assinatura do próprio, que é comentador da SIC e da SIC Notícias desde 2002. O programa derivou dos comentários mais sucintos de Rui Santos, mas a receptividade do público fez com que o comentador criasse um formato próprio que arrancou a 3 de outubro de 2004. O “Tempo Extra” combate as fórmulas convencionais de abordagem ao fenómeno desportivo e coloca o foco no futebol, com total independência e frontalidade.

. TVI 24

- Mais Bastidores

É o único programa desportivo existente nos canais analisados com uma periodicidade diária. Todos os dias, de segunda a sexta, o “Mais Bastidores” mostra um olhar sobre todas as jogadas dos bastidores do futebol português. Tudo o que se passa, dia a dia, dentro dos balneários dos clubes, das palavras dos treinadores às reações dos jogadores. Com um elenco composto por Henrique Mateus, José Manuel Freitas, Rui Pedro Braz e Pedro Sousa, o “Mais Bastidores” é um programa recente no canal.

- Mais Futebol

Este é um programa de desporto irreverente. Irreverente e premiado, pois foi eleito pelo CNID (Associação dos Jornalistas de Desporto) em 2010, e pela Liga de Clubes em 2011, como o melhor programa de desporto do ano. Apresentado por Cláudia Lopes, conta com a habitual presença dos comentadores Nuno Madureira, Pedro Ribeiro, Tomaz Morais, Pedro Barbosa e Luís Francisco para dar a saber tudo acerca do futebol nacional e internacional, em que muitas vezes desportistas portugueses estão envolvidos. O “Mais Futebol” é um programa semanal, conjunto do jornal online maisfutebol.iol.pt e da editoria de Desporto da TVI.

- Campeonato Nacional

Mais um programa semanal da TVI 24. Ao domingo à noite é feita a análise dos jogos por quem melhor conhece o relvado e todas as regras do futebol. Bernardino Barros, Diamantino e José Eduardo são os comentadores deste programa. Com moderação de Joaquim Sousa Martins, este novo painel de comentadores analisa e discute tudo sobre o campeonato nacional.

- Prolongamento

Programa igualmente semanal. Todas as segundas-feiras é feito o rescaldo da jornada desportiva do fim de semana com especial enfoque no Benfica, Porto e Sporting. É um programa com reportagens, entrevistas e debates, apresentado por Joaquim Sousa Martins.

Os restantes membros que fazem parte do programa são Pedro Guerra, pelo Benfica, Manuel Serrão, pelo Porto e José de Pina, pelo Sporting.

Para além dos canais analisados, existem ainda na televisão portuguesa canais desportivos como *Abola TV*, *Benfica TV*, *Sporting TV*, *Sporttv* e *Eurosport*, onde os conteúdos são na sua totalidade relacionados com desporto.

Tabela 4 - Programas desportivos na televisão portuguesa

Canal	Programa	Tema	Periodicidade	Intervenientes
RTP 2	Desporto 2	Desporto nacional e internacional na sua generalidade	Bissemanal	Paulo José Martins e Alexandre Santos
RTP 3	Grande Área Trio D'Ataque	Futebol	Semanal	Manuel Fernandes Silva, Carlos Daniel, Bruno Prata, Manuel José e Álvaro Costa Hugo Gilberto, Rui Oliveira e Costa, Miguel Guedes e João Govern
SIC Notícias	Play-Off O Dia Seguinte Golf Report Sic Notícias Running Tempo Extra	Futebol Futebol Golf Universo da corrida Futebol	Semanal	Rui Santos, Rodolfo Reis, João Alves e Augusto Inácio José Guilherme Aguiar, Rogério Alves e Rui Gomes da Silva Patrícia Pereira Carina Vaz Rui Santos e João Abreu
TVI 24	Mais Bastidores Mais Futebol Campeonato Nacional Prolongamento	Futebol Desporto geral Futebol Futebol	Diário Semanal Semanal Semanal	Henrique Mateus, José Manuel Freitas, Rui Pedro Braz e Pedro Sousa Cláudia Lopes, Nuno Madureira, Pedro Ribeiro, Tomaz Morais, Pedro Barbosa e Luís Francisco Joaquim Sousa Martins, Bernardino Barros, Diamantino e José Eduardo Joaquim Sousa Martins, Pedro Guerra, José de Pina e Manuel Serrão

Fonte: Elaboração própria.

2.3. Conteúdos radiofónicos desportivos em Portugal

Não foram só os ecrãs que o desporto invadiu. Também a rádio portuguesa se adaptou a esta nova realidade e apostou em conteúdos desportivos para satisfazer os gostos dos seus ouvintes. Obviamente que os programas são em menor número, mas, ainda assim, há que destacar aqueles que fazem do desporto o seu tema.

. Antena 1

- Especial Desporto

Este é um programa semanal que tem sobretudo o objetivo de relatar, comentar e fazer reportagens acerca dos jogos da principal liga portuguesa. Com um elenco composto por Alexandre Afonso, Pedro Luís Cid, Fernando Eurico, Nuno Matos e Helder Conduto, o “Especial Desporto” também entra em ação sempre que há jogos de Liga dos Campeões, Liga Europa e Taça da Liga, sendo feita uma antevisão dos respetivos jogos das diferentes competições.

- Grandes Adeptos

É uma série semanal da Antena 1 com Miguel Guedes, Jaime Mourão Ferreira e Telmo Correia a vestirem a camisola do seu clube. É uma tertúlia que entra em campo após a jornada futebolística, com arbitragem do jornalista Tiago Alves.

- Grandes Adeptos Total

Esta é a nova versão do “Grandes Adeptos”. É um *talk show* semanal que promove um debate com *fair-play* entre três figuras públicas que assumem a sua simpatia pelos três grandes: Telmo Correia, pelo Benfica, Miguel Guedes pelo Porto e Jaime Mourão Ferreira pelo Sporting. O “Grande Adeptos Total” é formado por um painel de 18 figuras públicas que assumem o seu papel enquanto adeptos dos respetivos clubes. Cada emissão semanal é dividida em três partes, que correspondem a outros tantos frente-a-frente, com 15 minutos cada, onde os três adeptos dos três clubes grandes (Benfica, Porto e Sporting) debaterão com o adepto da equipa que defronta o seu clube na jornada seguinte. Assim, numa iniciativa inédita na história da comunicação social portuguesa, a Antena 1 dá a palavra a todos os adeptos dos clubes que jogam na liga profissional de futebol.

- Era uma vez os Jogos

Esta é uma série recente, de 2016, ano em que se realizaram os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro. Semanalmente, José Carlos Trindade, Fernando Costa e Carlos Gomes, apresentavam histórias que tornaram os Jogos Olímpicos no maior acontecimento desportivo mundial. Foi uma iniciativa da Academia Olímpica de Portugal em colaboração com a Antena 1.

. Rádio Renascença

- Bola Branca

No fim de cada um dos jogos que são relatados na rádio Renascença, existe um espaço onde é feita a análise desse mesmo jogo, com entrevistas aos intervenientes e onde se discute e dão notas a jogadores, treinadores e árbitros. Geralmente o foco está nos principais clubes do principal escalão do futebol português.

A tabela 5 resume o conjunto desses mesmos programas das principais rádios nacionais.

Tabela 5 - Programas desportivos na Rádio portuguesa

Rádio	Programa	Tema	Periodicidade	Intérpretes
Antena 1	Especial Desporto	Futebol	Semanal	Alexandre Afonso, Pedro Luis Cid, Fernando Eurico, Nuno Matos, Hélder Conduto
	Grandes Adeptos	Futebol	Semanal	Miguel Guedes, Jaime Mourão Ferreira, Telmo Correia e Tiago Alves
	Grandes Adeptos Total	Futebol	Semanal	Miguel Guedes, Jaime Mourão Ferreira e Telmo Correia
	Era uma vez os Jogos	Desporto	Semanal	José Carlos Trindade, Fernando Costa e Carlos Gomes
Rádio Renascença	Bola Branca	Desporto	Semanal	Cristóvão Ribeiro

Fonte: Elaboração própria

Capítulo 3. O jornal *Record*

Este capítulo começa com um resumo da história do *Record* e dos seus diretores, indicando o período em que exerceram a direção e os seus principais contributos para a vida do jornal. Caracteriza-se, em seguida, o grupo económico a que o jornal pertence, a Cofina, Termina-se o capítulo com uma caracterização da situação atual do *Record*, um jornal ainda hoje na vanguarda da imprensa desportiva em Portugal.

3.1. História do jornal

3.1.1. Dos primórdios à atualidade

Se hoje existe o jornal *Record*, tal deve-se agradecer a Manuel Dias. Foi dele que partiu a iniciativa para a criação deste jornal desportivo. Vendedor de jornais, este lisboeta foi descrito como o primeiro grande fundista do Sporting, sendo-se destacado nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, com o 17º lugar na prova da maratona.

Dada a sua paixão pelo desporto, não é de todo estranha a criação de um jornal da mesma natureza. Ainda assim, o impulso para o investimento no *Record* teve a ver com um prémio que Manuel Dias ganhou na Lotaria Nacional, em 1949, no valor de 40 contos (200 euros nos dias de hoje).

Um dos primeiros passos a ser tomado foi a escolha dos homens que estariam a seu lado nesta aventura. Afonso Lacerda e José Monteiro Poças, jornalistas de *A Bola*, e Fernando Ferreira, professor de Educação Física, foram as escolhas de confiança de Manuel Dias para iniciar um novo ciclo no jornalismo português. A escolha do nome da publicação foi das últimas medidas a ser tomadas e, simultaneamente, das mais curiosas. *Record* e *Meta* eram as dúvidas para o título do jornal, que foi decidido em praça pública. Manuel Dias deslocou-se até ao Rossio para “apregoar os dois nomes, simulando uma venda de jornais” (Morais, 2014, p. 23). O maior apoio da população recaiu sobre aquele que, ainda hoje, é o nome que todos conhecemos.

A primeira edição do *Record* data de 26 de novembro de 1949. Com tiragem aos sábados, o jornal era composto por “oito páginas e o formato em que o futebol era o tema central (...) mas teriam igual destaque as modalidades menos populares, como o basquetebol, voleibol, rãguebi, atletismo, hóquei em campo e automobilismo” (Pinheiro, 2011, p. 278). Feito que mereceu elogios por parte da concorrência:

Saiu, no sábado, o primeiro número do excelente semanário desportivo *Record*. Com óptimo aspecto gráfico, impresso a cores, apresenta uma expressão moderna e dinâmica. Ao novo jornal, cuja realização representa apreciável esforço e o desejo de contribuir para o prestígio e expansão do desporto, desejamos vida longa e próspera. (Pinheiro, 2011, p. 32)

Até ser reprivatizado, em 1989, o *Record* passou por várias crises, correndo o risco de se extinguir, particularmente após uma das épocas mais conturbadas da história de Portugal e da imprensa nacional, o 25 de Abril de 1974, de que resultou a sua nacionalização. Durante quase meio século a sua periodicidade foi sofrendo alterações até que, em 1995, a publicação passou a ser distribuída diariamente. Foi um caminho que se fez lentamente mas, ao mesmo tempo, de forma sustentada.

Com efeito, nos seus primórdios, o *Record* saía apenas aos sábados até que, numa segunda fase, iniciada a 3 de fevereiro de 1953, passou a bissemanário, publicando-se às terças e aos sábados. Cerca de 20 anos depois, a 18 de abril de 1972, já com Artur Agostinho na direção, tomou-se a decisão de passar a publicação a trissemanária, para combater a concorrência de *A Bola*, que até à década de 70 era “líder indiscutível no segmento” (Pinheiro, 2011, p. 339). Nesta fase, o *Record* mudou por várias ocasiões os seus dias de publicação, até se fixar finalmente nas bancas às terças, sextas e domingos. Em 19 de agosto de 1991 tornou-se quadrissemanário, com saída aos domingos, segundas, terças e sextas e, poucos antes de se tornar diário, passou a sair para as bancas cinco vezes por semana (todos os dias exceto quartas e sábados). A Tabela X apresenta estes dados de forma sintética:

Tabela 6 - Periodicidade, por ordem cronológica, do *Record*

Data	Periodicidade
26.11.1953 - 02.02.1953	Semanário (sábados)
03.02.1953 - 17.04.1972	Bissemanário (terças e sábados)
18.04.1972 - 18.08.1991	Trissemanário (terças, sextas e sábados)
19.08.1991 - 01.02.1995	Quadrissemanário (domingos, segundas, terças e sextas)
02.02.1995 - 28.02.1995	Cinco vezes p/ semana (segundas, terças, quintas, sextas e domingos)
01.03.1995	Diário

Fonte: Elaboração própria

Ao longo de toda esta evolução, o *Record* passou por períodos que foram tudo menos fáceis. Durante a já referida Revolução dos Cravos, “o passivo do jornal começou a colocar em causa a sua sobrevivência, causando algumas agitações internas” (Pinheiro, 2011, p. 358), o que originou a interrupção da publicação durante um período - ainda que curto, é certo - de sensivelmente três semanas, de 25 de novembro a 12 de dezembro de 1975.

A prova de como este período incerto que a publicação atravessou foi ultrapassado foi visível em 1989, no ano da sua reprivatização. Por esta altura, Rui Cartaxana, 4º diretor da história do *Record*, bateu todos os recordes ao vender cerca de 140 mil exemplares durante o mês de agosto. Os frutos desta privatização refletiram-se no sucesso que o jornal teve nos anos que se seguiram. Durante a década de 1990, o *Record*, para lá de passar a ser quadrissemanário, começou a sair com cor na primeira página e as edições de domingo aumentaram para 40 páginas.

Após a passagem do jornal para diário, Rui Cartaxana - ainda como diretor-, mostrou-se otimista pela entrada num

[...] ritmo sem pausas, no ciclo ‘infernado’ do quotidiano, dispostos, como sempre, a oferecer aos nossos leitores um jornal cada vez melhor, mais vivo e mais presente nas múltiplas e cada vez mais complexas actividades daquilo que hoje se entende, e constitui, este fenómeno, e este mundo sem fronteiras do desporto. (Esteves, 2011, p.19)

Ainda hoje, o prestígio que o *Record* detém, ao ser considerado um dos três melhores jornais desportivos nacionais (*A Bola* e *O Jogo* são os restantes), é o espelho da forma sólida como se foi construindo ao longo de nove direções. Neste momento, é de referir que a direção chefiada por António Magalhães atribuiu um prémio anual ao destaque desportivo do ano, como forma de homenagear o antigo diretor do *Record*, Artur Agostinho.

3.1.2. Alterações na direção

Fernando Ferreira (1949 - 1963)

Foi um dos fundadores de *Record*, juntamente com Afonso Lacerda, José Monteiro Poças e Manuel Dias, assim como o primeiro diretor de umas das mais conceituadas publicações desportivas nacionais.

Esteve envolvido diretamente na escolha do nome do jornal, uma vez que para Fernando Ferreira aquele teria que se chamar “Record”, enquanto para Manuel Dias o nome passava por “A Meta”. Como já referimos, mesmo não tendo sido uma escolha consensual, Manuel Dias teve a excelente ideia de simular a venda de jornais com ambos os nomes, e como “Record” era o que cativava maior interesse, acabou por ser o nome por que ainda hoje é conhecido o diário desportivo.

Depois disso, dirigiu o *Record* entre 1949 e 1963, tendo sido sucedido por Artur Agostinho.

Artur Agostinho (1963 - 1974)

Foi uma das maiores figuras a dirigir o *Record*. Nascido a 25 de dezembro de 1920, fez parte do departamento desportivo da Rádio Renascença durante a década de 80, depois de ter sido um dos mais brilhantes relatores desportivos de sempre no nosso país.

No cinema, Artur Agostinho também teve um papel bastante interventivo ao ter participado nos filmes *Cais do Sodré* (1946), *O Leão da Estrela* (1947), *Capas Negras* (1947), *Cantiga da Rua* (1950), *Sonhar é Fácil* (1951), *O Tarzan do 5º Esquerdo* (1958), *Dois Dias no Paraíso* (1958), *O Testamento do Senhor Napumoceno* (1997) e *A Sombra dos Abutres* (1998).

Foi também proprietário de uma agência de publicidade, assim como jornalista. Dirigiu o *Record* entre 1963 e 1974 e regressou ao jornal como colunista, em 2005. Pelo meio ainda dirigiu o *Jornal do Sporting*.

Artur Agostinho morreu a 22 de março de 2011 com 90 anos de idade. Para trás ficam os prémios e as homenagens que ainda hoje têm o seu cunho. Em 2005, o *Record* instituiu o “Prémio Artur Agostinho”, destinado a distinguir a personalidade do ano na área do Desporto e já atribuído a Pedro Pauleta (2005), Luiz Felipe Scolari (2006), Rui Costa (2007), Cristiano Ronaldo (2008), Luís Figo (2009), José Mourinho (2010), Hulk (2011), Pepe (2012), Rui Costa (2013), Jorge Jesus (2014) e Luisão (2015).

Em maio de 2006, a Associação dos Jornalistas de Desporto (CNID) atribuiu-lhe o “Prémio de Carreira Fernando Soromenho” e, em 2010, foi distinguido com o Prémio Mérito e Excelência nos Globos de Ouro de Portugal. Desde 2012 que o CNID atribui o seu nome à categoria Rádio dos seus prémios anuais.

José Monteiro Poças (1975 - 1986)

Foi um dos fundadores de *Record*, juntamente com Afonso Lacerda, Manuel Dias e Fernando Ferreira, e um dos grandes responsáveis pela sua sobrevivência. Foi um gestor e um director à prova de bala, ou não tivesse agarrado o leme nos tempos mais duros que o jornalismo desportivo atravessou, o período que sucedeu à famosa Revolução dos Cravos, que no caso do *Record* foi sinónimo de penúria e de tempos de verdadeiro desalento.

Sucedeu a Artur Agostinho na direção do *Record* e dirigiu a publicação durante 11 anos, de 1975 a 1986. José Monteiro Poças, que tanto sofreu para manter vivo este jornal, diferenciou-se dos outros também por ter redigido uma mensagem de agradecimento a todos os jornalistas e gráficos que se esforçaram por colocar na rua uma excelente edição do jornal, a 7 de junho de 1981, após uma final da Taça de Portugal ganha pelo Benfica.

Rui Cartaxana (1986 - 1998)

Foi este o homem que conseguiu colocar o *Record* na vanguarda da imprensa desportiva nacional. Dirigiu o jornal entre 1986 e 1998 e destacou-se por ser um diretor direto, de um jornal onde todos os dias se lutava contra o tempo e a favor da informação diária. Definiu um rumo, traçou objetivos e todos eles foram cumpridos na prática, fazendo do *Record* um jornal diferente, vivo e provocador. Ficou na história do jornalismo português não só pelos prémios que conseguiu como repórter, mas sobretudo pelo seu estilo de liderança e persistência. Foi na sua direção que a publicação passou a diária, a cor teve um avanço decisivo e conseguiu chegar ao patamar de vendas de 100 mil exemplares.

Foi ainda chefe de redação no *Acção Socialista* e subchefe de redação do *Diário Popular*. O *Correio da Manhã* e *O Século* contaram também com o seu contributo.

João Marcelino (1999 - 2001)

Teve a difícil tarefa de substituir um dos grandes diretores que passaram pelo *Record*, Rui Cartaxana. Nasceu em 1959 e iniciou-se na profissão de jornalista em 1979, apesar de ter começado a tirar o curso de Geologia (ficou por acabar). Com passagens pelo *Diário de Notícias*, *Sábado* e *Correio da Manhã* - em todos eles como diretor -, dirigiu o *Record* entre 1999 e 2001, tendo aí também exercido a função de jornalista.

José Manuel Delgado (2001 -2003)

Numa altura em que a direção do *Record* sofria constantes alterações, José Manuel Delgado dirigiu o jornal entre 2001 e 2003 (sensivelmente o mesmo tempo que o seu antecessor). O facto de não ter atingido os objetivos esperados, nomeadamente ao nível das vendas, foi a razão para ter sido demitido do cargo por parte da administração, liderada por Paulo Fernandes, que também era o presidente do grupo Cofina.

Alexandre Pais (2003 - 2013)

Foi diretor do *Record* durante dez anos, de 2003 a 2013. Atualmente ainda exerce a atividade de colunista no diário desportivo, assim como no diário generalista *Correio da Manhã* e na revista *Sábado*. Entre 2013 e 2016 foi comentador das rubricas Mercado e Hora Record, da CMTV, televisão por cabo do *Correio da Manhã*.

Iniciou a profissão de jornalista em 1964 no trissemanário *Mundo Desportivo*, e dirigiu igualmente o diário *24 Horas*, os semanários desportivos *Off-side* e *Jornal do Belenenses*, o semanário *Tal & Qual* e as revistas *Mundial*, *Élan*, *Tomorrow*, *Teenager* e *Dona*.

Sempre muito ativo na sua vida profissional, Alexandre Pais foi repórter do semanário *Sempre Fixe*, editor do *Diário de Lisboa*, subchefe de redação do *Jornal Novo*, chefe de redação do diário *Portugal Hoje* e da revista *Alcance*, e diretor editorial da *TV Guia*.

Ficou igualmente conhecido por ter escrito *Capitães de Abril* em 1974 e, escreveu e produziu para a RTP duas séries do programa *A Minha Vida Dava Um Filme*, em 1995.

A rádio também fez parte da sua vida, onde trabalhou de 1964 a 1976, onde foi comentarista da *Tarde Desportiva* da *Rádio Renascença*.

João Querido Manha (2013-2014)

Iniciou a carreira em 1978, passando por múltiplos meios de comunicação e desempenhando por diversas vezes as funções de chefia ou direção. Foi chefe de redação no *Golo* e na *Foot*, subchefe de redação na *Gazeta dos Desportos*, editor no *Expresso* e diretor no *Semanário Desportivo*.

No *Record* foi chefe de redação adjunto e diretor entre 2013 e 2014. Foi o antecessor do atual diretor do jornal, António Magalhães.

Desde 2003 é jornalista *free-lancer*, colaborando com o *Correio da Manhã* e o *Record*, assim como com a *TVI* e, até 2008, com a *Rádio TSF*.

Como repórter, realizou a cobertura de centenas de eventos desportivos internacionais das mais variadas modalidades, com normal destaque para o futebol, tendo acompanhado a seleção nacional e os clubes principais nas competições europeias durante mais de duas décadas. No começo dos anos 90, foi um dos primeiros jornalistas europeus a realizar a cobertura das finais da NBA e de um *Superbowl* de Futebol Americano. Esteve em quatro Jogos Olímpicos (1992, 2000, 2004 e 2008), dois Festivais Olímpicos da Juventude (2005 e 2007) e Jogos da Lusofonia Macau, em 2006.

No âmbito do futebol foi enviado, entre muitos outros, a Campeonatos do Mundo de Futebol (1982, 1990, 1998), Campeonatos da Europa (1996, 2000, 2004), Campeonato do Mundo de Futebol Feminino (1999), Taça das Confederações FIFA (1995) e Taça das Nações de África (2004).

Também teve muitas experiências no desporto automóvel, com a cobertura de edições do Rali de Portugal (anos 80), do Mundial de Fórmula 1 (anos 90) e até das 500 Milhas de Indianapolis. Em outubro de 2003, João Querido Manha iniciou uma carreira de comentador de futebol, a partir do jogo de inauguração do novo Estádio da Luz entre o Benfica e o Nacional de Montevideo. No ano seguinte realizou a cobertura do Euro 2004 e passou a fazer a cobertura regular de jogos da Primeira Liga portuguesa.

António Magalhães (2014 - até à data)

Antes de assumir o cargo de diretor de *Record*, em dezembro de 2014, António Magalhães já tinha sido diretor adjunto do mesmo. Com uma longa experiência no jornalismo, nomeadamente no jornalismo desportivo, conta com passagens pelo *Offside*, *Gazeta dos Desportos*, *Correio da Manhã* e *A Bola*.

Atualmente, ainda é ele que dirige o *Record*, tendo como diretores adjuntos Bernardo Ribeiro e Nuno Farinha.

3.1.3. Distinções atribuídas e Prémio Artur Agostinho

Sendo o *Record*, desde os seus primórdios, uma publicação de referência ainda hoje é considerada uma das três melhores publicações desportivas nacionais - já foi, por diversas ocasiões, distinguida com prémios que podem encher de orgulho todos aqueles que fizeram parte do seu percurso.

Assim, a 24 de novembro de 1990 foi-lhe atribuído o título de Membro Honorário da Ordem do Infante D. Henrique, pelo ex-Presidente da República Jorge Sampaio. Durante sete anos consecutivos, venceu o prémio de Melhor Publicação Desportiva Nacional - Prémio *Meios & Publicidade* (2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012). Em 2006 venceu também o Prémio CNID e, em 2008, o *Special Olympics*. Venceu o Prémio Navegantes XXI, da ACEPI (Associação

de Comércio Electrónico e Publicidade Interativa), como Melhor Site de Media Desportivo, em 2010.

O Prémio Artur Agostinho, que já referimos atrás, é uma forma de homenagear o antigo diretor de *Record* e figura incontornável do desporto português, e destina-se a distinguir a personalidade do ano na área do Desporto. Este prémio existe desde 2005 e já conta como vencedores várias figuras notáveis do desporto português, já mencionadas.

3.2. Grupo Cofina

Esta empresa nasceu no ano de 1995, fundada por Paulo Jorge dos Santos. Assumindo-se como uma sociedade diversificada, cedo se lançou em quatro áreas de investimento, no que aos negócios diz respeito: a área dos aços e armazenagens, com F. Ramada - que, apesar de se encontrar numa situação difícil, possibilitou ao Grupo Cofina protagonizar uma das maiores viragens da sua história, devido ao seu vasto património imobiliário; a produção de cristal, porcelanas e vidros, com a Vista Alegre Atlantis; a área da pasta de papel, com a Celulose do Caima; e uma *sub-holding* do Grupo Cofina na área dos media e conteúdo - a Investec.

Ainda assim, foi em 2000 que a empresa Cofina deu um dos mais importantes passos da sua, ainda curta, história ao tornar-se proprietária do jornal generalista mais vendido em Portugal, o *Correio da Manhã*, adquirindo simultaneamente a Pesslivre. Quatro anos mais tarde, em 2004, o grupo adquiriu também a Grafedisport - Impressão e Artes Gráficas, o que lhe permitiu o controlo dos custos de produção e do sistema de distribuição. Num ano positivo para a Cofina, comprou igualmente 49% da empresa Metro News Publications, dona do primeiro jornal diário gratuito de Portugal, o *Destak*.

A clara intenção da empresa em continuar o seu percurso a nível dos media e conteúdos e começar a abdicar gradualmente de participações noutras áreas de negócios ficou explícita na cisão entre o grupo Cofina (com os ativos dos media) e a Altri (empresa portuguesa de referência mundial na produção de pasta de eucalipto e na gestão florestal), no ano de 2005. Para além do *Destak*, em Portugal, a Cofina lançou o *Destak* São Paulo e Rio de Janeiro e, em 2008, comprou as ações da ZON Lusomundo, num claro investimento expansionista além-fronteiras.

Hoje, a Cofina, no ramo dos media nacionais, destaca-se por ser umas das empresas mais prestigiadas, ao albergar cinco jornais (*Record*, *Correio da Manhã*, *Jornal de Negócios*, *Destak* e *Metro*), cinco revistas (*Sábado*, *TV Guia*, *Flash!*, *Vogue* e *Máxima*), assim como um canal de televisão, a CMTV (*Correio da Manhã TV*). O *Correio da Manhã* é, neste momento, o periódico mais vendido em Portugal, com uma média de 110 mil exemplares e cerca de 1 milhão de leitores por dia. Nas revistas, é a *Sábado* que ocupa frequentemente o topo de vendas no mercado.

Como principal objetivo, a Cofina quer assentar o seu crescimento numa perspetiva de rentabilidade, “quer por via orgânica, quer através de “aquisições”, tal como os próprios

definem no seu site. Desde a área dos aços e armazenagens até ao fabrico de pasta de papel, passando pelo ramo em que é mais respeitada, a área dos media e conteúdo, a Cofina tem percorrido um longo caminho até se afirmar no lugar de topo que hoje ocupa.

3.3. Vanguarda jornalística

Alvo de constantes evoluções, o *Record* sempre procurou - e ainda hoje procura - estar um passo à frente. Atualmente oferece, todos os dias, 48 páginas em formato tabloide que também são acessíveis através do site, com a funcionalidade ‘Record Premium’. Todos os domingos, sai a Revista R como suplemento do jornal, a qual conta com conteúdos desportivos a que se acrescentam a “Conversa de Faca e Garfo”, que consiste numa entrevista “à mesa” com uma personalidade, e páginas dedicadas a destinos de viagem no país e no Mundo.

Quanto ao espaço web, o *Record* tem passado por diversas renovações desde o momento da sua criação, em 1999. O portal (disponível em <http://www.record.xl.pt>), foi renovado pela primeira vez em junho de 2010, com um novo grafismo, embora mantendo a mesma estrutura, cores e logotipo. Recentemente - a 16 de dezembro de 2015-, o site foi alvo de nova remodelação e foi lançado com uma nova cara, apresentando um design bastante diferente daquele a que os leitores se haviam habituado. Foi desenvolvido por grandes profissionais com o contributo dos profissionais da Cofina e do próprio *Record*. Foi novamente alvo de uma evolução a nível gráfico, numa plataforma digital por que passa, claramente, o futuro da comunicação social.

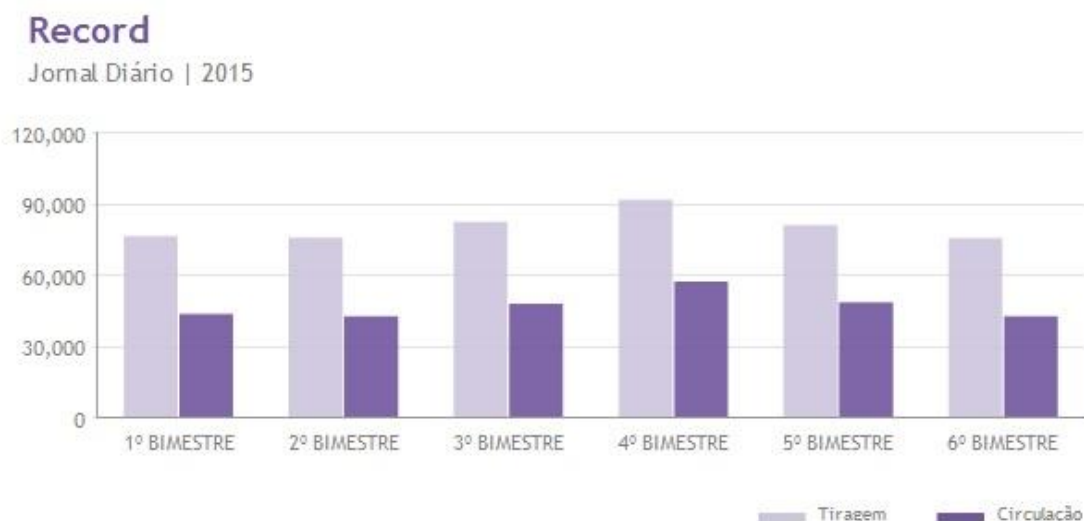


Figura 1 - Tiragem e circulação do *Record* em 2015

Fonte: APTC.

A prova de que foi uma aposta certa são os números de leitores, tanto a nível da edição impressa - onde se inclui o jornal e a revista-, como também no próprio espaço web. O gráfico da figura 1, da APCT (Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação) mostra a tiragem e circulação de *Record* durante o ano de 2015.

Os dados da APCT mostram que o *Record* viveu em 2015 umas das suas melhores fases dos últimos anos - o que muito se deveu à sua liderança na categoria de “Desportos e Veículos” - apresentando praticamente o dobro de tiragens e circulação do segundo classificado da lista, *O Jogo*.

O gráfico dá para perceber que o *Record* apresentou os melhores resultados no 3º, 4º e 5º bimestre, com julho e agosto a serem os meses com maior destaque.

Já em 2016, e comparativamente ao ano passado - até ao 4º bimestre -, o *Record* destacou-se por ser o único título a apresentar crescimento, no bimestre janeiro/fevereiro (ainda que ligeiro), estagnando nos bimestres seguintes, com exceção feita para os meses de Julho e Agosto, onde a tiragem e circulação reduziu ligeiramente em relação a 2015.

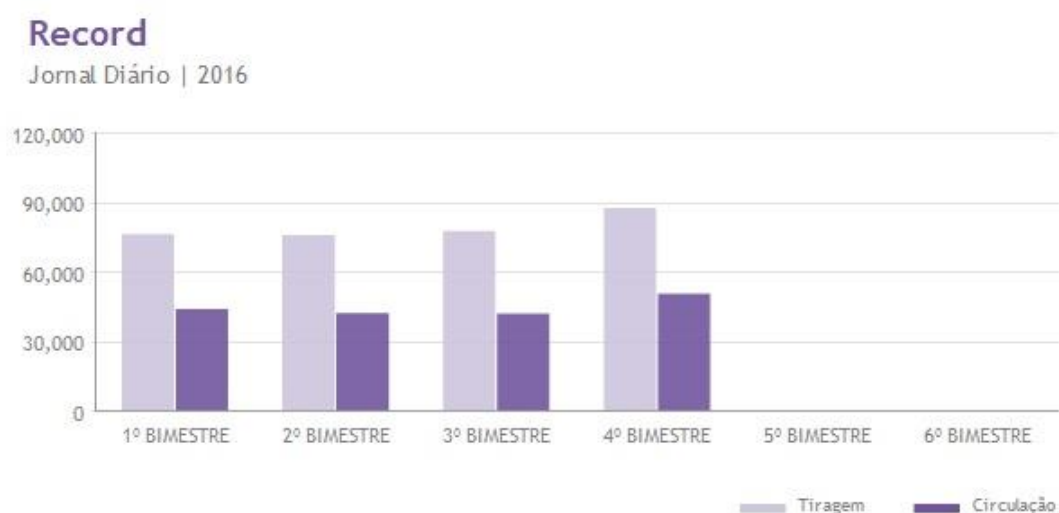


Figura 2 - Tiragem e circulação do *Record* em 2016

Fonte: APTC.

Capítulo 4. O estágio no *Record*

O estágio no jornal *Record*, que durou três meses, começou com uma entrevista a 22 de março de 2016, na atual redação de *Record*, no novo edifício da Cofina situado na Rua Luciana Stegagno Picchio. Isto porque, durante muitos anos, esta publicação esteve sediada no Bairro Alto, mas o desejo da empresa Cofina de juntar todos os seus títulos num espaço único proporcionou a mudança para as novas instalações.

Na referida entrevista, Ângela Anselmo, dos Recursos Humanos da Cofina, foi quem me recebeu e me enviou para a reunião com o subdiretor, Bernardo Ribeiro. O objetivo da mesma foi definir o dia para iniciar o estágio, assim como a secção em que iria trabalhar. Depois de um teste diagnóstico ficou decidido que a secção do Nacional seria aquela onde iria começar a dar o meu contributo. Na altura, a redação do *Record* tinha as seguintes secções:

- Benfica;
- Sporting;
- Nacional;
- Internacional;
- Modalidades;
- Jogo da Vida;
- Hora Record/Televisão;
- Online.

Havia, para além disso, outros três departamentos de carácter transversal: Fotografia; Gráficos; Secretaria.

Descrevo, em seguida, a minha experiência de trabalho jornalístico nas secções do Nacional e do Online e, em menor grau, na secção do Internacional e na Revista 'R', que sai semanalmente na edição de domingo.

4.1. Secção do Nacional e do Online

A 4 de julho fui recebido por José Manuel Paulino, um dos editores de secção do Nacional, tendo o meu primeiro dia de estágio servido para me ambientar com toda a redação assim como com as múltiplas ferramentas de trabalho. Convém referir que a edição das notícias no *Record*, no que toca à parte impressa, é produzida através do Millenium, o editor de conteúdos diariamente publicados. Sendo o *Record* um jornal com duas redações - a principal em Lisboa, e uma de menores dimensões, no Porto-, a responsabilidade da secção do Nacional estava concentrada nos clubes e notícias da zona Sul, abrangendo a zona que vai do distrito de Coimbra ao Algarve.

Com o passar dos dias e do trabalho que ia tendo, as minhas expectativas foram superadas. Ainda que o ritmo não seja tão intenso como na secção do Online, já que não há

aquela urgência em atualizar as notícias, a exigência de trabalho fez-me aumentar (mais ainda) o gosto pelo jornalismo desportivo. Antes deste estágio curricular, tive a oportunidade de realizar um estágio profissional na *Tribuna Desportiva*, um dos poucos jornais desportivos sediados no distrito de Castelo Branco. Com condições incomparáveis, nunca pensei encontrar a organização que encontrei no *Record* no que se refere à forma como é feita toda a estruturação das notícias, nas mais diversas secções existentes (referidas acima).

Os constantes serviços no exterior passaram a ser uma realidade na minha nova vida, tal como a interação com as mais diversas figuras públicas ligadas ao desporto nacional. Foi precisamente com essas múltiplas saídas, seja para fazer entrevistas, reportagens ou cobrir jogos de futebol e de futsal, que senti uma enorme evolução na minha escrita no que toca a esta especialidade jornalística. Ainda assim, a escassez de tempo de estágio - afinal de contas três meses passam a correr-, fez-me reconhecer que ainda tenho muito para evoluir. Apesar de tentar ser o mais original e criativo possível na elaboração das notícias, a minha maior dificuldade prende-se com a construção dos textos e o encaixe dos títulos nos espaços disponíveis.

Para um jornalista o papel e a caneta são as ferramentas indispensáveis para o seu dia-a-dia e eu, sem fugir à regra, não abdicava de ambas. Para completar o meu material de trabalho, o gravador era outro instrumento que andava sempre comigo, independentemente da natureza do serviço. Cada vez mais a tecnologia tem uma importância significativa e se ela está presente, acho por bem usufruir dela, se isso ajudar na realização do meu trabalho.

A elaboração do jornal, onde se incluem todas as secções, começa na véspera, com a marcação da agenda. Aqueles acontecimentos conhecidos à priori (conferências de imprensa, eventos, entrevistas marcadas, reportagens, etc.) são marcados aos jornalistas de serviço no dia seguinte, consoante o maior à vontade de cada um em determinados assuntos. *“Não muitas raras vezes, um jornalista troca a folga para cobrir uma história que segue há algum tempo”*, confessou Nuno Miguel Ferreira, editor da secção do Nacional.

O próprio Nuno Ferreira explica como tudo funciona dentro do mundo do *Record*. *“Quanto ao dia em que se fecha a edição que, no caso do Record é todos dias, começa com uma reunião de editores - onde eu me incluo - com a direcção e elementos da chefia que vão assegurar o fecho de forma a discutir o plano (cujo esboço é feito na véspera) e, quase sempre, acaba por ajustar-se a distribuição das páginas consoante os acontecimentos/notícias do dia. Ao longo do dia chegam a haver quatro vias com sucessivas alterações das páginas de modo a acompanhar a actualidade.”*

Uma vez definido o número de páginas de cada secção, cabe a cada editoria definir as notícias que serão publicadas. O critério é sempre o da importância do assunto, tentando privilegiar sempre que possível histórias exclusivas do nosso jornal de forma a marcar a diferença e oferecer conteúdos diversos dos da concorrência. De forma breve, o processo de elaboração das páginas começa em mim (no caso da secção do Nacional), escolhendo um determinado modelo de página entre um catálogo pré-existente - algo que é comum a todas as secções e editores. Depois, o departamento gráfico trabalha a página e disponibiliza-a para

ser escrita pelos jornalistas. Uma vez terminados, os textos são lidos pelo editor, que dá a página para revisão (filtro indispensável para apanhar gralhas e erros ortográficos). Uma vez revista, a página é impressa para as voltas, primeiro pelo editor (dá uma última vista de olhos) e por fim pelo elemento que está a fechar a edição. Finalmente, a página segue para a gráfica. Normalmente, a edição fecha por volta das 00h30, sendo que nos dias em que há jogos grandes à noite esse prazo passa para as 01h30/2h.

Esta rotina de produção de *Record* tem uma exceção: a secção do Online. Esta última tem um funcionamento diferente, já que a obrigatoriedade de informar os leitores ao minuto faz com que o planeamento seja distinto. Ao contrário do que acontece normalmente, iniciei o meu estágio na secção do Nacional, e a minha transição para a secção do Online - onde estive dois dias-, foi também ela mais uma experiência de aprendizagem. Embora sendo o mesmo jornal, a escrita que se utiliza no Online difere bastante daquela que diariamente usava na parte impressa. Nesta minha curta passagem por uma secção tão própria - e onde a maioria dos estagiários começa os seus trabalhos-, rapidamente fui obrigado a familiarizar-me com as ferramentas necessárias para a realização dos conteúdos noticiosos do Online. Ferramentas essas que dizem respeito, principalmente, às funcionalidades do BackOffice, que é o software para a publicação de notícias no website, assim como do Millenium, que para além daquilo que já foi referido, permite consultar as peças feitas pela Agência Lusa, organismo que faculta os seus conteúdos à generalidade dos órgãos de comunicação social portugueses.

Posto isto, percebe-se que dentro da própria redação de *Record* se assiste a uma confluência não só entre os seus próprios meios, mas também à colaboração com outras entidades do jornalismo.

Na secção do Online, a maioria dos estagiários começa com uma moderação de comentários dos utilizadores do website, que ajuda a ter uma noção da vertente de *gatekeeper* que um jornalista tem de continuar a ter, pois é ele que seleciona e filtra a informação. O passo seguinte é a redação de notícias próprias, assim que haja a devida familiaridade com todo o processo. Quando isso acontece, o estagiário pode, a qualquer altura, fazer notícias para posterior edição e publicação.

No Online, o jornalista não é meramente incitado a procurar informação e escrever consoante o que encontra. O objetivo passa por dar a conhecer novidades ao leitor e, para que isso aconteça, surge uma outra questão, que tem a ver com o número de vendas em banca e, neste caso, de visualizações online. Num dia normal no website, 70% a 80% das peças publicadas são suplantadas por foto-galerias de mulheres, que têm o único propósito de captar a atenção de um público na sua grande maioria do sexo masculino.

A secção do Nacional, onde estive sempre - salvo raras exceções-, foi onde tive a oportunidade de mostrar mais serviço. Sem nunca imaginar que iria começar a escrever para o jornal e a fazer notícias de relativa importância num tão curto espaço de tempo, foi com grande surpresa (e entusiasmo!) que no meu segundo dia de estágio fiz a minha primeira notícia - e logo de forma autónoma-. José Manuel Paulino indicou-me o conteúdo, abri o Millenium e, depois do meu trabalho de pesquisa, encaixei a notícia no espaço que me era

reservado. Diga-se que não senti dificuldades na realização da mesma porque o tema, o futsal, me deixou bastante à vontade, dada a minha ligação à modalidade.



Figura 3. Primeiro trabalho realizado no estágio

Fonte: Jornal *Record*, nº 13590, p.32, 6 de julho de 2016

As duas primeiras semanas de estágio foram a minha rampa de lançamento. Durante pouco mais de dez dias evolui e desenvolvi a minha escrita essencialmente a fazer breves - notícias de menor dimensão -, e notícias de assuntos secundários, passe a redundância. O meu primeiro teste de fogo foi a 14 de julho, quando o meu editor, Nuno Ferreira, me atribuiu a importante tarefa de fazer a cobertura do jogo entre Portugal e a Alemanha, a contar para o campeonato da Europa de Sub-19. Como nesta primeira fase da competição o *Record* ainda não tinha enviado nenhum jornalista para a Alemanha, país onde se realizou o torneio, a cobertura das partidas que envolviam a Seleção Nacional de Sub-19 era feita através das transmissões televisivas.

Como sempre, entrei nas instalações da Cofina às 15h00 e, após a habitual leitura diária do jornal - enquanto esperava pela planificação e distribuição de tarefas -, fiquei a saber que esta importante notícia ficaria a meu cargo.

Desde logo comecei a fazer o meu trabalho de pesquisa, para conseguir complementar o texto com curiosidades e factos que considerava pertinentes. Aquando da saída da constituição de cada equipa comecei a adiantar a ficha de jogo. Às 18h30 tinha tudo a postos: papel, caneta e um curioso objeto que neste caso era bastante importante... o comando da televisão. Atento, tirei as devidas notas e, já no posto de trabalho, foi só esperar pelo fim do jogo para começar a editar a notícia, no espaço que me era reservado. Foi a minha primeira notícia de abertura (notícia mais importante da página), que me ajudou a perceber que o binómio tempo/qualidade é uma exigência no dia-a-dia de um jornalista do *Record*.



SUB-19

FESTIVAL DE GOLOS VALE LIDERANÇA

Seleção Nacional com um pé nas meias-finais, depois de ter deixado anfitriã pelo caminho

EUROPEU DE SUB-19 UNDER-19 CHAMPIONSHIP
ALEMANHA | 11 a 24 de julho

ALEMANHA		PORTUGAL	
REIMANN	PEDRO SILVA	RÜBEN DIAS	
MITTELSTÄDT	FRANCISCO FERREIRA	YURI RIBEIRO	
GIMBER	YURI RIBEIRO	DIOGO DALOT	
GÜL (77')	DIOGO DALOT	PEDRO RODRIGUES	
BESUSCHKOW (62')	PEDRO RODRIGUES	PEDRO DELGADO	
HENRICH	PEDRO DELGADO	JOÃO CARVALHO	
FECHNER	JOÃO CARVALHO	G. RODRIGUES (61')	
OCHS	G. RODRIGUES (61')	AURÉLIO BUTA (81')	
SERDAR (52')	AURÉLIO BUTA (81')	ASUMAH (65')	
SERRA	ASUMAH (65')	P. PACHECO (61')	
REESE (52')	P. PACHECO (61')	A. SILVA (65')	
TEUCHERT (62')	A. SILVA (65')	D. GONCALVES (81')	
MEHEM (77')	D. GONCALVES (81')	D. DALOT (75')	
G. Streichsbier (6')	Emílio Peixe		

Arena Grossaspach, Alemanha
ÁRBITRO: Bart Vertenten (Bélgica)
AUXILIARES: Igor Demeshko (Rússia)
e Vladimir Gerasimov (Lituânia)
AO INTERVALO: 1-1; MARCADORES: 1-0 Ochs (12'), 1-1 Asumah (37'), 1-2 G. Rodrigues (48'), 2-2 Ochs (68' ap), 2-3 A. Silva (70'), 2-4 A. Buta (73'), 3-4 Ochs (90' +3 ap) DISCIPLINA: Serdar (29'), G. Rodrigues (30'), A. Buta (57'), R. Dias (68'), D. Dalot (75'), Henrich (79')

PEDRO FERREIRA

12 A Seleção Nacional sub-19 reagiu bem ao empate (1-1) da 1ª jornada frente à Áustria e venceu ontem a anfitriã Alemanha por 4-3, assumindo a liderança do Grupo A e ficando a



FELICIDADE. Buta e Pedro Pacheco no momento em que Portugal fez o 4.º gol frente à Alemanha

um pequeno passo de garantir um lugar nas meias-finais do Europeu.

A equipa da casa até foi a primeira a mostrar que queria tomar conta da partida, e à passagem dos 12 minutos confirmou a superioridade inicial com o primeiro golo do encontro. Ochs foi o autor do remate certo após excelente triangulação com Besuschkow e Serra.

A formação das quinças reagiu e dispôs de duas boas situações para empatar, com João Carvalho, primeiro (20'), e Pedro Delgado, no

minuto seguinte, a estarem muito perto de igualar as contas.

O conjunto lusitano não tirou o pé do acelerador e aos 37' o golo acabou por chegar, com o avançado do Willem II, Asumah, a restabelecer a igualdade após um remate indefensável com o pé esquerdo.

No regresso do descanso, os pupillos de Emílio Peixe vieram determinados a inverter o rumo dos acontecimentos e, logo no primeiro lance digno de registo (48'), Gonçalo Rodrigues surgiu em ex-

celente posição para rematar, colocando Portugal pela primeira vez em vantagem com um pontapé fantástico fora de área. O conjunto alemão ainda viria a empatar através de uma grande penalidade convertida por Ochs (68'), mas a Seleção Nacional respondeu de imediato, com o recém-entrado Alexandre Silva a repor a vantagem no marcador (69').

Este bom momento da equipa das quinças ficou provado ao minuto 73, quando Buta sentenciou pra-

RESULTADOS

GRUPO A				
Alemanha	0	1	Itália	
PORTUGAL	1	1	Áustria	
Itália	1	1	Áustria	
Alemanha	3	4	PORTUGAL	
17 de julho				
Áustria	1	8	Alemanha	
Itália	1	8	PORTUGAL	
P J V E D G				

1º PORTUGAL	4	2	1	1	0	5-4
2º Itália	4	2	1	1	0	2-1
3º Áustria	2	2	0	2	0	2-2
4º Alemanha	0	2	0	0	2	3-5

GRUPO B				
Crócia	1	3	Holanda	
França	1	2	Inglatera	
Hoje				
Holanda	1	0	Inglatera	
Crócia	1	0	França	
19 de julho				
Inglatera	1	0	Crócia	
Holanda	1	0	França	
P J V E D G				

1º Holanda	3	1	1	0	0	3-1
2º Inglaterra	3	1	1	0	0	2-1
3º França	0	1	0	0	1	1-2
4º Croácia	0	1	0	0	1	1-3

MEIAS-FINAIS

1º Grupo A	vs	2º Grupo B
1º Grupo B	vs	2º Grupo A

*Horário a confirmar depois da fase de grupos
PLAYOFF DE APURAMENTO PARA O MUNDIAL

21 de julho		
3º Grupo A	vs	3º Grupo B

*Horário a confirmar depois da fase de grupos

FINAL

Vencedor MF1	1	8	3	0	Vencedor MF2
--------------	---	---	---	---	--------------

ticamente a partida ao fazer o 4-2. Já para lá dos 90', a Alemanha ainda reduziu a desvantagem, com Ochs a rubricar o seu hat trick, na conversão de mais um penalti.

Portugal fecha a fase de grupos no domingo, frente à Itália, e um empate até poderá ser suficiente para seguir para as meias-finais. Já a Alemanha está fora da fase seguinte, restando-lhe lutar pelo 3º lugar do grupo que lhe dá acesso ao playoff de apuramento para o Mundial de sub-20 de 2017. ☺

Figura 4. Primeira notícia de abertura realizada pelo autor

Fonte: Jornal Record, nº13599, p.26, 15 de julho de 2016

Já familiarizado com todas as funcionalidades e com toda a rotina de produção foi-me dada a confiança para realizar o meu primeiro serviço no exterior. A 22 de julho de 2016 o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (SJPF) promoveu um workshop no auditório das piscinas do Centro Desportivo Nacional do Jamor, que tinha como grande protagonista o presidente do Sindicato, Joaquim Evangelista. Depois de ir buscar a declaração que comprovava pertencer ao Record, tive que ir à secretaria requisitar um táxi, que me levasse ao destino. Com todo o material de que necessitava e com a lição bem estudada, chamei o táxi e fui para o Jamor.

Sempre muito atenciosos comigo - e com a imprensa em geral -, encaminharam-me para a sala onde iria decorrer a ação de formação. Tendo sido um dos primeiros a chegar, consegui ver atentamente algumas figuras, que habitualmente via pela televisão, chegar com o aproximar da hora. O workshop, sobre a "Integridade no Desporto", tinha como objetivo diminuir substancialmente as ilegalidades ligadas à prática desportiva. Dada por terminada a

sessão, foi tempo de dar continuidade ao meu trabalho e fazer as entrevistas que considerava importantes. Finalizado o meu trabalho nas piscinas do Centro Desportivo Nacional do Jamor, foi altura de voltar a chamar o táxi para que me levasse de volta para a redação.

Com os dados todos reunidos, foi só saber a página onde iria fazer a notícia e o espaço que me seria reservado, para que pudesse estruturar tudo da melhor forma. Para a minha primeira experiência no terreno, correu tudo na perfeição e poderá ter sido esse o motivo de ter tido várias outras oportunidades de mostrar serviço.

Sindicato 'educa' jogadores



Evangelista contra ilegalidades

R O Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (SJPF) promoveu ontem um workshop intitulado “Integridade no Desporto - Programa de Anti Match-Fixing no Futebol”, no auditório das piscinas do Centro Desportivo Nacional do Jamor.

Ministrada maioritariamente por Joaquim Evangelista, a ação de formação teve como objetivo a apresentação de um projeto, cujo ponto essencial é diminuir substancialmente as ilegalidades liga-

das à prática desportiva, como os resultados combinados e o doping. Sendo este um fenómeno que afeta o futebol português, para o presidente da SJPF esta iniciativa é uma mais-valia principalmente para os jogadores.

“É a educação que faz a diferença na vida das pessoas e o que pretendemos com isto é educar para combater este fenómeno. Acho que este projeto irá evitar situações deste tipo”, concluiu Joaquim Evangelista. ● P.F.

Figura 5. Primeiro trabalho no exterior feito pelo autor

Fonte: Jornal Record, nº 13607, p. 38, 23 de julho de 2016

Talvez devido a esta última notícia que fiz, dois dias depois (24 de julho), Nuno Ferreira voltou a confiar em mim para mais uma notícia - esta, mais como uma reportagem-, juntamente com Cláudia Marques, uma jornalista da secção do Nacional, que já conta com muitos anos de casa. A notícia era relativa à equipa de Portugal de futsal para diabéticos, que iria disputar o Europeu na Bósnia Herzegovina, e fazia o último treino antes da partida. O objetivo da mesma era mostrar que ser diabético, nos dias de hoje, não é impeditivo de qualquer atividade física, assim como dar a conhecer um pouco este problema que é cada vez mais comum.

Atento a todos os passos da experiente Cláudia, lá fomos nós para a Margem Sul, no seu carro. Durante a viagem, a minha curiosidade fez com que lhe colocasse diversas dúvidas sobre o dia-a-dia de um jornalista do Record, de como lidava com todo o tipo de situações e ainda lhe pedi conselhos para o meu futuro profissional.

Chegados ao pavilhão onde os futsalistas portadores de diabetes iriam efetuar o último treino, começámos a planear o nosso trabalho, enquanto ia chegando toda a estrutura da equipa portuguesa.

De papel e caneta na mão começámos a reportagem com o treinador, Vítor Sengo Perry que, num discurso ambicioso, mostrou muita confiança nos seus jogadores e nos explicou o quão gratificante é poder ser o líder da formação nacional. De forma a esclarecer que a diabetes não é uma doença impeditiva à prática desportiva, entrevistámos Manuel Cardoso, o enfermeiro que acompanha a equipa e que já trabalha há 25 anos com este tipo de situações. Manuel Cardoso explicou-nos apenas os principais cuidados que os atletas terão que ter, nomeadamente a nível da alimentação da regulação da insulina consoante o esforço, de modo a evitar a hipoglicémia. Estivemos ainda à conversa com a *manager* da equipa, Jenifer Duarte, que, por ser portadora de diabetes tipo 1, nos falou dos preconceitos que podem existir em relação à doença, sobretudo na adolescência.

Como não poderia deixar de ser, demos o devido destaque ao craque da equipa. Capitão e já com muita experiência no currículo, Jonas Venâncio mostrou-se determinado em fazer história na Bósnia, esperançoso numa maior promoção desta equipa de Portugal.

Feito o trabalho de campo, regressámos à redação de *Record* e, depois de feita a estrutura da página, dividimos as tarefas de modo a termos a notícia pronta a tempo e horas para que o editor desse uma vista de olhos, antes de a mandar para a revisão. Convém referir que se o responsável por cada secção detetar algum erro, o jornalista deverá voltar ao programa Millenium para editar e corrigir o artigo.

A nível pessoal foi mais uma grande experiência, em que tive a oportunidade de trabalhar e aprender com uma conceituada jornalista, que se mostrou sempre acessível a todo o tipo de dúvidas e dificuldades que me pudessem surgir.



A POSTOS. Antes da partida para a Bósnia-Herzegovina, a equipa conviveu com alguns jovens

QUEBRAR PRECONCEITO COM VITÓRIA NO EURO

CLÁUDIA MARQUES E PEDRO FERREIRA

Mostrar que ser diabético não é impeditivo de qualquer atividade física e conquistar o 'caneco' são os grandes objetivos da equipa que vai representar Portugal no DiabEuro, na Bósnia-Herzegovina. A prova arranca hoje e estarão em campo 16 seleções, que têm a particularidade de serem constituídas por atletas que têm diabetes. Depois de ter alcançado o 2º lugar na estreia (2013), um 4º lugar em 2014 e o 7º em 2015, a formação nacional parte com a ambição de vencer a prova pela primeira vez.

Vitor Sengo Perry orienta este conjunto há seis meses e não poupa elogios aos atletas, tanto aos dez que vão a Sarajevo como aos restantes. Como Rita, a qual é muito elogiada mas que não pode participar por ser mulher. "As expectativas são ser

PORMENOR

Portugal integra o Grupo D e vai defrontar a Roménia (hoje, às 17 horas), o Uzbequistão (amanhã, às 8 horas) e a Bulgária (quarta-feira, às 10 horas). Os dois primeiros passam aos quartos-de-final

campeão, sei a equipa que tenho", refere o técnico, de 47 anos.

Quando foi convidado para o cargo, reconhece que não sabia bem o que o esperava. "Tinha a ideia de que tinha de ter alguns cuidados, mas o enfermeiro Manuel Cardoso explicou que podem treinar-se normalmente. A alguns custou, porque não faziam nada", admite o treinador, que não poupa os atletas em cada treino, nem aqueles que faziam centenas de

quilómetros para ao domingo se treinarem no Seixal.

São estes mitos que pretendem erradicar. A manager, Jenifer Duarte, conhece bem os riscos que alguns preconceitos podem ter. Com diabetes tipo 1 desde adolescente, e membro da Associação de Jovens Diabéticos de Portugal (AJDP), confidenciou que é nos mais jovens que isso se reflete. "Há professores que colocam os miúdos à parte, por receio", assume.

Mostrar valor

Manuel Gonçalves, da APDP (Associação Protetora dos Diabéticos

de Portugal), faz parte da organização. "Começámos pelo futebol por ser uma modalidade de que muita gente gosta", explica, confidenciando que a ideia inicial era juntar os jovens que no verão se encontravam na colónia de férias promovida pela AJDP e APDP. "Em 2013 ouvimos falar do DiabEuro e decidimos inscrever-nos", conta, admitindo que têm surgido mais praticantes.

"Queremos mostrar que a atividade física ajuda a controlar o metabolismo. Não somos inferiores em nada", remata, lamentando que a doença sirva de desculpa para o sedentarismo. ◻

OS ELEITOS

	Pos.	Idade
João Nabais	GR	47
Bruno David	F	30
Luís Metrogos	F	24
Jonas Venâncio	A	28
Luís Brito	A	31
Ricardo Simões	A	27
Rui Ferreira	A	26
Bernardo Rodrigues	P	23
Celso	P	39
João Carrasco	P	19

Legenda: GR - guarda-redes; F - fixo; A - ala; P - pivô

Alguns extras em bagagem preenchida

À semelhança de todas as equipas que participam em grandes competições internacionais, a equipa portuguesa de futsal para diabéticos leva na bagagem todo o material necessário. Para além dos três equipamentos, das bolas e daquilo que cada jogador precisa para jogar, os dez convocados por Vitor Sengo terão de levar consigo uma bolsa composta pela máquina de medição, insulina e agulhas.

De modo a que sejam autorizados a transportar estes extras até à Bósnia, os futsalistas nacionais têm de se fazer acompanhar por um atestado médico que comprove a diabetes, juntamente com a documentação normal para se viajar. ◻

Poucos apoios numa aventura dispendiosa

Portugal tem a única equipa do sul da Europa, sendo também aquela que não pode ir de autocarro para a Bósnia-Herzegovina. "São 10 mil euros para participar", explica a manager, Jenifer Duarte. A responsável, de 26 anos, revela que este ano contaram com a cedência do Pavilhão Municipal do Seixal por parte da autarquia. Antes tinham de pagar do seu bolso. "Felizmente, temos conseguido sempre patrocinadores", acrescenta, salientando a grande ajuda que receberam da Fundação Benfica.

Já o técnico, Vitor Perry Sengo, lamenta a falta de apoio por parte da Federação Portuguesa de Futebol. "Nem umas bolas nos deram", confidencia. ◻

Enfermeiro pouco preocupado

Manuel Cardoso é o enfermeiro da equipa portuguesa. Apesar de não ter a doença, trabalha há 25 anos nas colónias de férias, conhecendo-a muito bem. "Aqui muitos são atletas federados e têm imensos cuidados, nomeadamente com a alimentação. Aliás, como qualquer praticante", revela.

A principal preocupação tem a ver com o controlo dos níveis de glicémia, que é feito antes, durante e após a atividade física. "Têm de regular a insulina consoante o esforço. Neste caso há jogos todos

os dias, há esforço físico e de adrenalina, mas eles gerem isso, conhecem-se bem. Depois há as lesões inerentes a todos os desportos", explica.

Manuel Cardoso explica que a maior preocupação é evitar a hipoglicémia. "Têm os sintomas de toda a gente, só que mais rápido", reforça, sendo por isso que há sempre um pacotinho de açúcar à mão. "Só não joga quem não quer. Os outros atletas treinam a parte física e técnica, e estes também trabalham o controlo da diabetes", conclui. ◻



Jonas confiante

Jonas acredita que será desta

Mais confiante do que nunca, Jonas Venâncio admitiu que a equipa parte para a Bósnia determinada a fazer história. "Sem retirar o valor às outras seleções, nós estamos muito melhor, tanto física como taticamente", referiu. Para o ala algarvio - que na época passada representou a formação da Casa do Benfica de Castro Verde -, a diabetes nunca foi um problema nem um impedimento pelos clubes por onde passou, acreditando que esta seleção poderá ser uma mais-valia para o fu-

turo. "Quanto mais se promover esta equipa, mais jovens podem vir a aparecer, ajudando-os a perder o medo e a vergonha", referiu, otimista, a Record. Amante da modalidade, Jonas, de 28 anos, recebeu uma proposta para representar o Quinta dos Lombos, mas a distância e o salário foram os principais entraves.

Ainda com o futuro incerto, o capitão, que leva o símbolo de Portugal desenhado no cabelo, espera ver a sua situação definida após esta competição. ◻

Figura 6. Notícia/reportagem no exterior em conjunto com a jornalista Cláudia Marques

Fonte: Jornal Record, nº 13609, p. 24, 25 de julho de 2016

Foi no dia 24 de agosto que fui selecionado para aquele que terá sido, muito provavelmente, o meu grande trabalho 'fora de portas', de forma completamente independente. Nuno Ferreira foi quem me atribuiu tal responsabilidade. No Pavilhão Fidelidade, pertencente ao Sport Lisboa e Benfica, iria fazer a cobertura do jogo entre a Seleção Nacional de futsal e a Seleção de Marrocos, de preparação para o Campeonato do Mundo da modalidade. Como habitualmente, sempre que fazia uma notícia iniciava-a com um trabalho de casa, ao longo do qual tirava notas e me informava acerca de tudo o que iria encontrar. Feito esse trabalho,

foi-me dada uma declaração que comprovava ser colaborador de *Record*, assinada pelo meu editor, que me facilitava o acesso e respetiva entrada na zona reservada à imprensa.

De mochila às costas lá fui a pé - a sede de *Record* e o estádio da Luz estão a 5 minutos de distância-, nervoso mas extremamente motivado por ir fazer a cobertura de um jogo onde iam atuar alguns dos meus ídolos (convém referir que Ricardinho, jogador da Seleção Nacional, é considerado na atualidade o melhor jogador do mundo de futsal). Com a devida antecedência, cheguei ao pavilhão e de imediato tive que ir levantar a acreditação '*media*' facultada pela Federação Portuguesa de Futebol para o Portugal-Marrocos. O jogo decorreu com normalidade, com um estagiário bastante atento a tudo o que se passava (eu próprio); e, no final, fui com os restantes jornalistas presentes para a conferência de imprensa, onde tive a oportunidade de entrevistar Jorge Braz, selecionador nacional, e Bruno Coelho, internacional português e jogador do Benfica.

Feita a primeira fase do trabalho, foi altura de voltar à redação de *Record*, onde iria dar início à segunda. Dada a importância do evento, foi-me dada a notícia de abertura, tendo tido a liberdade para estruturar a notícia a meu bel-prazer. A maior dificuldade, por vezes, é conseguir encaixar o texto ou o título no espaço disponível, como referido anteriormente. Talvez esta tenha sido - para além de tudo o que de bom adquiri - a experiência que mais me marcou durante os três meses de estágio.

ÚLTIMO SUSPIRO FOI SINÓNIMO DE VITÓRIA

Portugal teve de trabalhar bastante para recuperar de desvantagem no marcador frente a Marrocos



PORTUGAL	MARROCOS
VÍTOR HUGO	ZAARI
JOÃO MATOS	MOHAMMED JOUAD
RICARDINHO	ADIL HABIL
PEDRO CARY	MESRAR
CARDINAL	BAKKALI
JOGARAM AINDA:	JOGARAM AINDA:
BEBÉ, ANDRÉ	MAZRAY, BORITE,
COELHO, BRUNO	EL ASAS, KAUJRI,
COELHO, RÉ, FÁBIO	KHAYARI, AMGHAR
CECÍLIO, DJÓ,	E FATTI
ANILTON, TIAGO	
BRITO, ANDRÉ SOUSA,	
RICARDO PINTO,	
E MIGUEL ÂNGELO	

Jorge Braz: Hicham Dguig

Pavilhão nº 1 do Benfica, Lisboa
 ÁRBITROS: MIGUEL CASTILHO E PEDRO COSTA
 AO INTERVALO: 2-3. MARCADORES:
 1-0 Bruno Coelho (7'), 1-1 Jouad (17'), 2-1 Fábio Cecílio (17'), 2-2 Borite (18'), 2-3 Mazray (18'), 3-3 Cardinal (36'), 4-3 Cardinal (40').
 DISCIPLINA: 0 Jouad (37')

PEDRO SILVA FERREIRA

No terceiro encontro de preparação para o Mundial, que se realiza na Colômbia de 10 de setembro a 2 de outubro, a Seleção Nacional venceu (4-3) a congénere marroquina, com o gol do triunfo a surgir no último lance da partida, por Cardinal.

Portugal entrou com disposição para dominar o jogo, e depois de Cardinal ameaçar o primeiro gol com um remate fortíssimo à barra, aos 2', foi Bruno Coelho que fez abanar as redes pela primeira vez



MARCAÇÃO. Bruno Coelho 'bloqueia' Mohamed Jouad

CARDINAL VESTIU A PELE DE 'MÁGICO' E BRINDOU OS ADEPTOS QUE SE DESLOCARAM À LUZ COM DOIS GOLOS DECISIVOS

(7'). O jogador do Benfica disparou fora de área um remate indefensável junto ao poste da baliza defendida por Zaari. A equipa de Marrocos acordou com o gol sofrido e aos 17', Jouad aproveitou uma perda de bola de Ricardinho para

igualar a partida. Assistiram-se a 2 minutos frenéticos, já que na resposta Fábio Cecílio voltou a colocar a equipa das quinas na frente. Sem tempo para respirar, os campeões africanos aproveitaram um período de desconcentração dos pupilos de Jorge Braz e deram a volta ao marcador com dois golos no mesmo minuto (18').

Depois de uma primeira parte menos conseguida, Portugal recuperou os índices de concentração, culminando com o bis de Car-

João Matos faz jogo 100 pela Seleção

Para João Matos, a partida de ontem frente a Marrocos teve um sabor especial. Tratou-se do jogo número 100 com a camisola das quinas, estando agora num lote restrito de jogadores que atingiram esta marca. O fixo do Sporting está à beira do top 10 no que diz respeito a internacionalizações, atrás de nomes como Arnaldo, João Benedito, Gonçalo Alves, Joel Queirós, Ricardinho, Pedro Costa, Pedro Cary, André Lima, Ivan e Israel. Uma vez que a grande maioria já não se encontra no ativo (pelos menos na Seleção), João Matos pode, no Mundial, ficar entre os dez jogadores mais internacionais de sempre pela Seleção A de Portugal. O jogo de ontem foi especial também para Fábio Cecílio, já que recebeu a placa comemorativa da 25ª internacionalização pelas mãos do vice-presidente da FPF, Humberto Coelho.

dinal, que aproveitou a menor inspiração do melhor jogador do Mundo para vestir a 'pele' do mágico Ricardinho. O primeiro gol do pivô do El Pozo aconteceu aos 35' e o segundo, no último suspiro do encontro, quando já toda a gente pensava no empate.

Portugal viaja hoje para Guadaluajara, onde amanhã realiza mais um jogo de preparação, frente a Espanha, atual campeã europeia, naquele que será o teste teoricamente mais exigente. ●



Jorge Braz dá indicações

Braz elogia atitude dos jogadores

O selecionador nacional, Jorge Braz, mostrou-se satisfeito com a vitória, apesar da desconcentração da sua equipa na primeira parte. "Foi um jogo com períodos distintos. Entrámos bem, chegámos à vantagem, mas depois houve algum desmoronamento, onde nos desorganizámos, deixámos de pensar coletivamente e cometemos erros infantis que permitiram os golos do adversário", começou por dizer o técnico nacional. Ainda assim, a fantástica reação

da equipa das quinas no segundo tempo deixou Jorge Braz orgulhoso. "Erros haverá sempre, corrigi-os e ultrapassá-los é que não é para todos. E os jogadores hoje [ontem] conseguiram fazer isso. Corrigimos as coisas ao intervalo e isso faz parte do nosso processo de preparação. Foi uma reação muito positiva da nossa parte", confiou o treinador de 43 anos.

Sem assumir qualquer tipo de favoritismo, o selecionador nacional admitiu que o objetivo de Por-

tugal no Campeonato do Mundo será "passar o grupo".

Bruno Coelho confiante

Um pouco à semelhança do que disse Jorge Braz, o internacional português Bruno Coelho também ficou satisfeito com a vitória, apesar das falhas da primeira parte. "Foi um jogo complicado, onde pagámos caro os erros que cometemos. Mas ainda nem a meio do estágio estamos. Foi um excelente teste de preparação", afirmou. ●

Figura 7. Notícia mais marcante realizada durante o estágio

Fonte: Jornal Record, nº 13640, p. 30, 25 de agosto de 2016

A pouco mais de uma semana de terminar o meu estágio no Record - 18 de setembro-, fiz a minha última notícia no exterior, no Complexo Desportivo do Restelo, em Belém, onde fui fazer a cobertura do jogo entre o Belenenses e o Benfica referente ao campeonato nacional de iniciados. De acordo com o procedimento normal - e depois do meu habitual trabalho de casa-, fui buscar o comprovativo que me permitia o acesso à zona da comunicação social, requisitei o táxi e fui até ao Campo Major Batista da Silva (um dos vários campos que constituem o Complexo). Neste serviço pus em prática tudo aquilo que aprendi e adquiri no

meu estágio profissional, realizado na *Tribuna Desportiva*, uma vez que o processo preparatório é em tudo idêntico ao que fazia no semanário desportivo albicastrense.

Depois de me ser dada a liberdade de acesso às imediações dos balneários, desloquei-me até junto dos responsáveis de cada clube para que me pudessem facultar as respectivas fichas de jogo. O mesmo sucedeu com a equipa de arbitragem. Com os dados de que necessitava todos em minha posse, foi só estar atento a tudo o que se passava dentro das quatro linhas para que, depois do apito final, pudesse fazer as habituais entrevistas, que neste caso foram com os treinadores de ambas as equipas.

No sentido inverso, o funcionamento voltou a ser igual: requisitei o táxi de volta para a Cofina e, já na redação, redigi a notícia no espaço que me foi destinado. Convém referir que, como este trabalho foi de manhã, não tive que trabalhar pressionado pela escassez de tempo, o que aconteceu em muitas outras situações.

INICIADOS

ÁGUIAS DOMINAM

PEDRO SILVA FERREIRA
E VASCO ANTÃO

R O Benfica deslocou-se ao terreno do Belenenses e venceu de forma categórica com quatro golos sem resposta, em jogo referente à 4ª jornada.

Numa partida de sentido único, os encarnados cedo chegaram à vantagem (8'),

com Famana Quizera a inaugurar o marcador na cobrança de um penálti. A clara superioridade dos visitantes foi confirmada à passagem do minuto 17 com um grande golo de Filipe Cruz.


À semelhança do que aconteceu no primeiro tempo, o início da segunda metade começou praticamente com um golo do Benfica (o terceiro). O

recém-entrado Henrique Pereira foi quem fez o gosto ao pé, aos 40'. Num dos raros lances de perigo por parte dos azuis do Restelo, Rena Matos correu mais de 30 metros com a bola e rematou para defesa apertada de Samuel Soares. Quem não desperdiçou foi Famana Quizera, que corou a sua excelente exibição com mais um golo, a me-

nos de 5' para o apito final.

Leões arrasam

O Sporting mantém-se colado ao Benfica na liderança da série E ao golear o Oeiras por 10-0. Embaló abriu o ativo logo aos 45 segundos, numa partida em que os 'suplentes' Tiago Tomás (hat trick) e Joelson Fernandes (bisou) estiveram em destaque. ●

	0	4	
BELENENSES			BENFICA
J. OLIVEIRA			SAMUEL SOARES
RENA MATOS			F. FALCÃO (50')
JOÃO PIRES			GABRIEL ARAÚJO
XAVIER COELHO (35')			TOMÁS ARAÚJO
TIAGO FERREIRA (35')			RAFAEL
TOMÁS GUTI			PEDRO PEREIRA
ZÉ MARIA (23')			FILIFE CRUZ
DIOGO SOARES			FAMANA QUIZERA
R. MOREIRA (45')			FÁBIO SILVA (65')
JANILSON (50')			PAULO BERNARDO
P. AGOSTINHO			B. CARREGOSA (35')
GONÇALO DIAS (23')			H. PEREIRA (35')
TOMMY (35')			DAVID (50')
F. MILHEIRO (35')			P. GOMES (65')
M. FIGUEIREDO (45')			
DUDA OLIVEIRA (50')			
Tiago Paiva			Luis Nascimento



DECISIVO. Famana Quizera (à esq.) abriu e fechou a contagem

Figura 8. Cobertura de um Belenenses-Benfica no Complexo Desportivo do Restelo

Fonte: Jornal *Record*, nº 13665, p. 34, 19 de setembro de 2016

4.2. Secção do Internacional e Revista 'R'

Para além de ter dado o meu contributo nas duas secções acima referidas (Nacional e Online), tive igualmente a oportunidade de alargar o meu conhecimento jornalístico tanto na secção do Internacional como na Revista 'R', que sai semanalmente na edição de domingo.

À semelhança do que acontece nas outras secções, todos os dias há a reunião às 15 horas onde o editor ou subeditor apresentam os temas do dia, tendo em conta o que se passou no fim de semana ou as rubricas próprias de cada dia. Como o próprio Hugo Neves, subeditor da secção do Internacional afirma, *“nesta secção concedemos maior atenção às notícias sobre Cristiano Ronaldo, José Mourinho e outros portugueses mas também sobre clubes internacionais que tenham bastante visibilidade como é o caso do Barcelona, ou até adversários de clubes portugueses na Europa. Mas, como é natural, os portugueses ganham bastante importância, embora não todos, obviamente.”*

Tendo em conta as páginas que nos são dadas, definimos o que é mais forte para abrir a secção e depois colocamos os outros temas por ordem de importância. De seguida, desenhamos as páginas com os temas e entregamos nos gráficos, que as maquetam de seguida, para que possamos escrever diretamente nas mesmas, tal e qual como saem no jornal.

O Internacional tem as suas rubricas diárias próprias, como "O que dizem os outros", sobre a imprensa internacional. À segunda-feira temos também uma coluna de opinião, à terça-feira fazemos sempre a página dos "Portugueses no estrangeiro", em que damos destaque a um feito de um jogador ou treinador e, à sexta-feira, sai sempre a "Agenda do fim-de-semana".

Dada a proximidade afetiva entre os elementos do Nacional e do Internacional, aliada à proximidade no próprio local de trabalho - as secções são uma ao lado da outra-, sempre que no Internacional se precisava de algum tipo de ajuda recrutavam jornalistas do Nacional. Por diversas ocasiões escrevi notícias breves, as rubricas diárias acima descritas e notícias de maior grau de importância. De todas elas, destaco o trabalho que fiz no dia 13 de agosto, que foi notícia de abertura com o título "Ancelotti quer primeiro troféu". Nesta notícia - toda ela feita por mim -, fiz a antevisão da supertaça alemã que opunha o Bayern Munique ao Borussia Dortmund, e dei conta de uma pequena curiosidade relativa ao reencontro do português Raphaël Guerreiro com o francês Kingsley Coman, depois da final do Campeonato da Europa, de que Portugal saiu vencedor.

Ao contrário do que acontecera nas notícias que fazia para o Nacional, a preparação desta notícia aconteceu de maneira diferente. Tive que fazer uma pesquisa alargada em diferentes sites desportivos estrangeiros e construir o texto com base na informação que ia recolhendo. Apesar de não ter ido para fora - o que era sempre positivo para mim-, foi muito bom ter tido esta experiência, que permitiu aumentar a bagagem, que tanto evoluiu durante o estágio.

FRANÇA

Eder insultado e Rony Lopes bisa

R O destaque do segundo dia da 1.ª jornada da Ligue 1 vai para um episódio ocorrido no Metz-Lille: Eder, autor do gol que deu a Portugal o Euro'2016, na final frente à França, foi assobiado sempre que tocou na bola e alvo de insultos – “Eder, filho da p...” – por parte de adeptos da equipa da casa. Os fãs do Lille apoiaram o avançado, de 28 anos, num jogo com ambiente difícil, e Eder respondeu com uma assistência para o bis de Rony Lopes, o qual não foi suficiente para evitar a derrota (3-2) do Lille no terreno de um recém-promovido.

Mais portugueses em ação

Hoje há mais três jogos e não faltam portugueses em ação. O Lyon, de Anthony Lopes, vai a casa do recém-promovido Nancy; em Nice há duelo entre Ricardo Pereira e o duo do Rennes, formado por Pedro Mendes e Afonso Figueiredo; e, por fim, o Marselha de Rolando recebe o Toulouse.

LIGUE 1 1ª JORNADA

BASTIA 0-1 PARIS SG

(Kuzawa, 74')

MONACO 2-2 GUINGAMP

(Fabrizio, 77' pen. e Bernardo Silva, 84'; Diallo, 29' e Privat, 37')

BORDEÚS 3-2 ST. ÉTIENNE

(Labarde, 13', Rollán, 57' e Matom, 72'; Hamouma, 81' e Soderlund, 89')

MONTPELLIER 1-0 ANGERS

(Thomsen, 49')

DIJON 0-1 NANTES

CAEN 3-2 LORIENT

(Rodein, 32' e Santini, 43' e 87'; Moukoko, 5' e 18' pen.)

METZ 3-2 LILLE

(Erding, 56' e 76' g.p. e Koufre, 88' g.p.; Rony Lopes, 35' e 70')

HOJE

NANCY 14.00 LYON

NICE 16.00 RENNES

MARSELHA 19.45 TOULOUSE

CLASSIFICAÇÃO P J V E D GM/GS

1. METZ 3 1 1 0 0 3-2

2. CAEN 3 1 1 0 0 3-2

3. BORDEÚS 3 1 1 0 0 3-2

4. MONTPELLIER 3 1 1 0 0 1-0

5. PARIS SG 3 1 1 0 0 1-0

6. NANTES 3 1 0 0 0 1-0

7. MONACO 1 1 0 1 0 2-2

8. GUINGAMP 1 1 0 1 0 2-2

9. TOULOUSE 0 0 0 0 0 0-0

10. NANCY 0 0 0 0 0 0-0

11. RENNES 0 0 0 0 0 0-0

12. NICE 0 0 0 0 0 0-0

13. LYON 0 0 0 0 0 0-0

14. MARSELHA 0 0 0 0 0 0-0

15. LILLE 0 1 0 0 1 2-3

16. SAINT-ÉTIENNE 0 1 0 0 1 2-3

17. LORIENT 0 1 0 0 1 0-1

18. DIJON 0 1 0 0 1 0-1

19. ANGERS 0 1 0 0 1 0-1

20. BASTIA 0 1 0 0 1 0-1

PRÓXIMA JORNADA 19, 20 E 21 AGOSTO

Lyon-Caen (16h), Nantes-Monaco, Lorient-Bastia, Lille-Dijon, Toulouse-Bordeaux, Angers-Nice, Rennes-Nancy (18h), Guingamp-Marselha, St. Etienne-Montpellier e PSG-Metz (18h 20)

MELHORES MARCADORES

2 golos: Santini (Caen), Moukoko (Lorient), Erding (Metz) e Rony Lopes (Lille)

ALEMANHA

ANCELOTTI QUER PRIMEIRO TROFÉU

FOCADOS. Carlo Ancelotti de olhos postos no primeiro troféu da época

Em dia de estreias, Raphaël Guerreiro tentará dificultar a vida ao italiano na Supertaça

PEDRO FERREIRA

R Melhor começo era impossível. Borussia Dortmund e Bayern vão abrir a época com a disputa da Supertaça num jogo marcado essencialmente por estreias e reencontros. Se do lado dos bávaros, Carlo Ancelotti vai orientar a equipa pela primeira vez a nível oficial, no Dortmund, Raphaël Guerreiro, campeão europeu por Portugal, pode cumprir os primeiros minutos com a nova camisola.

Após as saídas de Gündogan, Mkhitarjan e Mats Hummels, este último para o rival de hoje, o Dortmund colmatou-as da me-

EQUIPAS PROVÁVEIS	
B. DORTMUND	BAYERN
BÜRKI	NEUER
PASSLACK	KIMMICH
SOKRATIS	JAVI MARTINEZ
BARTRA	HUMMELS
SCHMELZER	ALABA
CASTRO	LAHM
RODE	VIDAL
DEMBELE	THIAGO
GÖTZE	MÜLLER
SCHÜRLE	RIBERY
AUBAMEYANG	LEWANDOWSKI
T. Tuchel	C. Ancelotti
19.30 - Sporttv 2	
ÁRBITRO: Tobias Welz	
ESTÁDIO: Signal Iduna Park, Dortmund	

lhor forma e um dos atrativos será hoje nova versão montada por Tuchel, apesar da máquina ainda não estar bem oleada. “Todos querem ganhar a Supertaça, mas é melhor não termos as expectativas demasiado elevadas”, admitiu o técnico de 42 anos.

Raphaël Guerreiro reencontra... Coman

R Cerca de um mês depois da final do Europeu, onde Portugal venceu a França (1-0) e se sagrou campeão da Europa, Raphaël Guerreiro pode voltar a medir forças com o francês Kingsley Coman, agora em circunstâncias diferentes. Vale um título, é certo, mas não da importância do Europeu. O defesa-esquerdo

português estará mais logo frente a frente com o extremo francês do Bayern, caso seja chamado por Tuchel durante a partida.

Para lá deste reencontro também Mario Götze vai rever os seus ex-companheiros do Bayern, ele que regressou a Dortmund neste defeso após três anos na Baviera. Esta Supertaça será por isso um

Já Ancelotti sabe que não vai ter tarefa fácil. E que o diga Guardiola, que na sua estreia oficial pelos bávaros, perdeu a Supertaça precisamente para o Dortmund, por 4-2, na época 2013/14. O próprio técnico italiano reconheceu as dificuldades que irá ter pela frente, mas só a vitória lhe passa pela cabeça. “Será um jogo complicado. Não vai ser fácil para nós mas queremos jogar bem e vamos tentar ganhar”, concluiu o novo técnico do gigante da Baviera.

Renato Sanches não vai a jogo O internacional português, reforço do Bayern Munique, continua lesionado e é baixa confirmada para a partida de logo à noite. “Renato Sanches terá de esperar um pouco mais, talvez seja possível que ele volte aos treinos na próxima semana”, confidenciou Carlo Ancelotti.

Hummels volta a Dortmund

Depois da polémica transferência do central para o Bayern por 38 milhões de euros, será curioso ver a forma como será recebido no Signal Iduna Park, no primeiro jogo como adversário.

BREVES

Cancelo e Vezo batem Paulo Sousa

R O Valencia, com o português Ruben Vezo titular e João Cancelo a entrar na 2.ª parte, venceu a Fiorentina de Paulo Sousa por 2-1. Bernardeschi inaugurou o marcador mas um gol de Rodrigo, antigo jogador do Benfica, deu início à reviravolta que se confirmou perto do fim (86') por Ruben Mir.

Ricardo Costa vence na Taça da Suíça

R Ricardo Costa foi titular na vitória do Lucerna sobre o FC Naters por 4-1 na 1.ª eliminatória da Taça da Suíça, tendo sido substituído aos 56 minutos. Já o Sion, onde joga o antigo benfiquista Carlitos, cilindrou fora de casa o modesto Romontois por expressivos 6-1. Hoje entram em ação os favoritos Basileia e o Grasshoppers.

CSKA Moscovo arranca triunfo

R O CSKA Moscovo venceu por 1-0 na deslocação ao terreno do Ural na 3.ª jornada da liga russa. Os moscovitas tiveram grande dificuldade para ganhar, marcando só aos 90'+4, por Georgi Milanov. Com a vitória, o CSKA está em 3.ª lugar com 7 pontos, tal como Krassnodar e Spartak Moscovo.

Ajax empata em casa com o Roda

R O Ajax cedeu um empate em casa (2-2) frente ao Roda, em jogo a contar para a segunda jornada do campeonato holandês. Destaque para a grande exibição do dinamarquês Kasper Dolberg, de apenas 18 anos, que apontou os dois golos da equipa de Amesterdão. Com o empate o Ajax soma agora quatro pontos em duas jornadas.

Obafemi Martins 'trama' Scolari

R O Guangzhou Evergrande, clube chinês orientado por Luiz Felipe Scolari, sofreu a segunda derrota nos últimos 4 jogos na liga, ao perder 2-1 no terreno do Shanghai Shenhua. O herói do jogo foi o nigeriano Obafemi Martins, que bisou na partida. Scolari lidera a liga com mais 11 pontos do que o Jiangsu Suning (menos um jogo).

Figura 9. Primeira experiência na secção do Futebol Internacional

Fonte: Jornal Record, nº 13629, p. 46, 14 de agosto de 2016

No início de 2015, e com o intuito de fornecer um conteúdo diferenciado, a administração do grupo Cofina e a direção de *Record* decidiram avançar com uma Revista de domingo, de 36 páginas, essencialmente virada para o público masculino, com temas ‘light’ mas de reconhecido interesse para os leitores do jornal, em particular fornecendo informação sobre lançamento de automóveis, *gadgets*, jogos de consola, etc., mas também focado em temas e assuntos de ‘life style’, viagens, exercício físico, etc. Tudo isto tendo como base a produção fotográfica com modelos femininos com alguma ligação ao desporto e que possam e saibam falar sobre esse tema. Já existia, desde há alguns anos, um formato semelhante no mercado: a revista ‘J’, que o jornal *O Jogo* editava aos domingos. A intenção do *Record* foi clara: reforçar e melhorar a sua edição de domingo com um novo produto, concorrendo diretamente com aquele que o *O Jogo* já publicava.

Os preparativos arrancaram, foram definidos os temas, auscultados vários designers para apresentar um projeto gráfico e foi escolhido para coordenador Luís Milhano, jornalista com experiência de 21 anos em várias áreas do jornal e antigo editor de quase todas as secções. Em meados dos anos 2000, o *Record* já havia publicado uma revista, a ‘Dez’, mas o âmbito desta era diferente da nova, pelo que havia que ‘aprender’ como se iria fazer este outro produto.

Ficou definido que os temas da revista seriam pensados e escolhidos pela Direção e pelo coordenador e executados pelos jornalistas de *Record*, aos quais seriam marcadas determinadas reportagens. Ou seja, face ao orçamento reduzido, a revista não teria uma redação exclusiva, como, anos antes, teve a ‘Dez’. O departamento gráfico destacou igualmente uma profissional, a Verónica Rodrigues, para se dedicar à revista, embora continuando a colaborar com a edição do jornal. Finalmente, ficou acertado com o departamento de produção que a revista teria de ser entregue na gráfica às quartas-feiras.

Faltava definir um nome e optou-se pelo simples ‘Revista Record’, que era direto, eficaz e permitia que fosse identificada por um logo composto apenas pelo ‘R’ de *Record*.

Os primeiros tempos foram de aprendizagem e de definição de rotinas, mas percebeu-se que tudo só entraria nos eixos com a revista já em andamento. Adiantaram-se trabalhos, estabeleceram-se contactos e determinou-se que o nº 1 seria publicado no dia 2 de agosto de 2015, aproveitando o início da nova época de futebol. Mas uma dúvida assolava todos: para fazer face aos custos da nova publicação, seria necessário aumentar o preço de capa do jornal de domingo de 1 euro para 1,20 euros. Iria o leitor dispor-se a pagar mais 20 cêntimos pelo novo conteúdo ou, pelo contrário, deixava de comprar uma das edições mais rentáveis de *Record* devido ao aumento do preço?

Cedo se percebeu que os leitores gostaram da ideia. O *feedback* foi quase imediato, quer com telefonemas e reações positivas nas redes sociais, quer com mails enviados para o jornal a sugerir temas e reportagens para a revista. Mas, sobretudo, foram duas outras notícias ainda no mesmo ano que dissiparam todas as dúvidas: o fim da concorrente ‘J’ e os primeiros dados de audiências, que apontavam para uma média de 200 mil leitores por edição.

Quanto ao seu funcionamento, como foi referido, a definição de temas começou a ser feita por direção e coordenador. Mas, ao fim de poucos meses, a confiança nas decisões de Luís Milhano levou a que este assumisse todo o processo, intervindo a direção apenas em questões de pormenor.

O coordenador define, pois, os temas, quer com ideias próprias, quer por sugestões de companheiros de redação, aproveitando ainda *inputs* de agências de comunicação e dos próprios leitores. No início de cada semana, enquanto se prepara o fecho da próxima revista, é definido o plano da edição seguinte. É criado um pré-plano que depois é enviado para as várias secções do jornal às segundas-feiras. Luís Milhano e Verónica Rodrigues começam então a definir o design das páginas, são escolhidas as fotos para cada tema e os jornalistas podem começar a escrever as suas reportagens. Até sexta-feira, cerca de 70% da revista está pronta. Ao fim-de-semana ela para. Depois, na segunda e na terça-feira é concluída a edição para que na quarta-feira, dia em que esta vai para a gráfica, sejam dados os últimos retoques.

Para além dos temas já referidos, um dos pontos fortes da Revista Record é a rubrica ‘Conversa de Faca e Garfo’, para a qual é convidado um atleta (atual ou antigo), um dirigente ou até um artista que escolhe um restaurante para conversar com o jornalista sobre a sua carreira e contar histórias. Ao mesmo tempo, é feita uma apreciação crítica a esse restaurante, dando-o a conhecer aos leitores.

Destaquem-se ainda as rubricas ‘Atual’, onde, em duas páginas, se faz uma abordagem a um evento desportivo (‘o’ ou um dos mais importantes) que irá acontecer nessa semana; o “GPS”, da autoria da redação da revista *Sábado*, na qual são dados a conhecer locais onde o leitor pode praticar desportos menos mediáticos; o ‘Perfil’, que pretende dar a conhecer facetas inesperadas de determinado atleta; a ‘Reportagem’, sobre temas insólitos do desporto; ou as ‘Experiências’, onde um jornalista ‘da casa’ veste a pele de atleta e entra em competição, a sério, em determinadas eventos desportivos.

Quanto ao tema de capa, que consiste numa produção fotográfica, sensual, mas não pornográfica, com uma modelo e atleta, esta é feita por dois fotógrafos que colaboram com a revista, o Paulo Lopes e o Rui Vasco, que já trabalharam na Cofina, mas são hoje *freelancers*. São eles que escolhem as modelos, as quais são posteriormente aprovadas pelo coordenador da Revista Record. É definido o tema ‘desportivo’ para essa produção e a mesma é feita e entregue dias mais tarde a Luís Milhano, que depois determina em que edição será publicada.

Foi precisamente na rubrica ‘Experiências’ que dei um dos mais marcantes contributos do meu estágio, ao aliar o desporto que pratico com o meu trabalho. O principal protagonista fui eu, tendo relatado ao pormenor a experiência de ter defrontado o Benfica, num jogo amigável, pela Boa Esperança (equipa de futsal que represento).



Figura 10. Notícia da Revista "R" em que o autor foi protagonista

Fonte: Revista Record, nº 60, pp. 10-11, 25 de setembro de 2016

Capítulo 5. Discussão e conclusões

Como referi na Introdução, ao estagiar no *Record*, o meu principal objetivo era perceber a especificidade do jornalismo desportivo, procurando responder a questões como as seguintes: como surgiu e se desenvolveu a imprensa desportiva portuguesa e, nesse contexto, o jornal *Record*? Como se caracteriza o jornalismo desportivo? Quais as principais diferenças do jornalismo desportivo relativamente a outros jornalismo especializados?

Chegado aqui, importa agora ver qual a resposta que posso dar a estas perguntas. Para isso, dividi este capítulo em duas partes: uma referente à imprensa desportiva, outra ao jornalismo desportivo.

5.1. Surgimento e desenvolvimento da imprensa desportiva portuguesa

A imprensa desportiva portuguesa está indissociavelmente ligada às diferentes fases históricas que o nosso país foi atravessando, tais como a Monarquia (de 1893, data de surgimento do *Velocipedista*, o primeiro jornal desportivo português, a 1910), a I República (1910 a 1926), o início da Ditadura Militar até ao fim da II Guerra Mundial (1926 a 1945), sendo este último o período em que se dá a sua consolidação. Os primórdios da imprensa desportiva ficaram ligados a um jornalismo generalista, e só durante a década de 1950 apareceu uma informação clubista e institucional. A partir de 1980 surgiram as publicações especializadas, aproximando-se daquilo que ainda hoje está na ‘moda’.

Foi em grande parte por ver o que se passava pela Europa fora que em Portugal se começou a publicar, ainda que esporadicamente, artigos sobre diversas modalidades desportivas de cariz tradicional como a caça, o tiro e, pouco depois, o ciclismo e o automobilismo. Só em 1893 surgiu o primeiro jornal desportivo português. Sediado no Porto, tinha o título de *O Velocipedista*, tendo sido uma espécie de rampa de lançamento para que, a partir da sua criação, vários outros jornais invadissem o panorama da informação desportiva.

Numa altura bastante precoce do jornalismo desportivo, aliada a um período conturbado da história de Portugal que coincidiu com fim da Monarquia e a Implantação da República, as publicações desportivas, nomeadamente as de maior relevo, não conseguiam manter-se estáveis e em atividade durante muito tempo. De todas as que se iniciaram nesta fase, o *Tiro Civil*, o *Tiro e Sport*, o *Sport* e os *Sports* foram os jornais de maior importância, e que serviram igualmente de inspiração para aqueles que deram continuidade ao jornalismo desportivo nacional.

Durante a I República a imprensa desportiva - e não só a nível nacional-, sofreu o impacto da I Guerra Mundial, tendo sido raros os jornais que sobreviveram à grave crise económica que se gerou.

Nesses quatro anos de conflito, em Portugal existiu uma exceção à regra. Tratou-se do jornal *Sport de Lisboa*, que não só sobreviveu à guerra como se conseguiu afirmar e aguentar durante muitos anos (1913-1934).

Esta fase histórica do jornalismo português (até 1926) foi, em certos aspetos, distinta da anterior, uma vez que apesar de toda a instabilidade que se vivia em Portugal, algumas das publicações mais importantes que se iniciaram nesta altura conseguiram sobreviver durante muitos anos, nomeadamente o já referido *Sport de Lisboa*, e o *Sporting* (1921-1953).

Passada esta fase histórica, Portugal deparou-se com uma nova mudança política e, anos mais tarde, com a II Guerra Mundial, que voltou a causar períodos de grande instabilidade em todo o mundo. Ainda assim, este foi um período de consolidação por parte da imprensa desportiva nacional, muito devido ao papel do futebol, que dinamizou - e de que maneira -, este género de jornalismo.

A imprensa desportiva nacional, ao longo de toda a sua história, tentou seguir os modelos apresentados pelos melhores jornais desportivos europeus, a nível da qualidade do papel, design gráfico, impressão e estruturação noticiosa. Esta postura de copiar o que de melhor se fazia no estrangeiro era compreensível, pois certas publicações europeias, nomeadamente as francesas, tinham já uma história de prestígio que durava há algumas décadas. E talvez tenha sido essa mais uma das razões para que o jornalismo desportivo fse tivesse, finalmente, consolidado em Portugal.

Esta especialidade de jornalismo foi ganhando cada vez mais importância e hoje, muito por via da globalização, verificamos aquilo que podemos considerar mesmo como um excesso informativo no seio dos meios de comunicação nacionais, quer nos jornais, quer na rádio, quer na televisão.

Analisando-se a situação do desporto na televisão, percebe-se que o futebol é o claro dominador dos conteúdos televisivos. Quanto aos canais generalistas e, apesar destes não terem, atualmente, programas desportivos, eles detêm os direitos televisivos da Liga dos Campeões de futebol (RTP), Liga Europa de futebol (SIC) e da Taça da Liga de futebol em Portugal (TVI). Já os canais agregados aos generalistas (SIC Notícias, TVI 24, etc.) dispõem de diversos conteúdos desportivos, referentes aos mais variados desportos. Para além dos canais referidos, existem ainda na televisão portuguesa canais especificamente desportivos como *Abola TV*, *Benfica TV*, *Sporting TV*, *Sporttv* e *Eurosport*, onde, como dissemos os conteúdos são na sua totalidade relacionados com desporto.

Para além da televisão, também a rádio nacional portuguesa foi invadida pelo desporto. Adaptando-se à nova realidade, apostou em conteúdos desportivos para satisfazer os gostos dos seus ouvintes, ainda que em menor número, comparativamente aos existentes na televisão.

5.2. A especificidade do jornalismo desportivo

O jornalismo desportivo, a nível dos jornais e das revistas - e, por extensão, das televisões e das rádios - tem como objetivo cativar o interesse dos leitores antes de o evento desportivo propriamente dito se iniciar, e mantê-lo na esfera mediática após o mesmo terminar. Compreende-se, assim, a observação de Rui Novais:

O jornalismo desportivo oscila entre o imediatismo da oferta informativa ou cobertura noticiosa pura e a dependência do comentário de experts que participam na construção da percepção dos eventos. (Novais, 2010, p. 13)

Para os três principais diários existentes em Portugal, tudo o que envolva os ‘três grandes’, tal como os jogos e as respetivas conferências de imprensa anteriores aos jogos, é o grande foco de interesse dos mesmos. Ainda segundo Novais (2010, p. 17), a cobertura mediática da imprensa desportiva é caracterizada por ser de extremos, alternando entre a “exaltação e a crítica estratégica contundente, denominada de estrabismo jornalístico”. Quer o autor dizer que, aquando de resultados vitoriosos, a imprensa desportiva opta por uma postura de exaltação hiperbólica do feito e, quando acontece o oposto - resultados menos positivos-, a crítica vai ser sempre uma realidade no dia seguinte.

Para muitos o jornalismo desportivo é uma editoria menor, chegando a ser desprezado por jornalistas doutras áreas. Ainda assim, há quem defenda o contrário e considere que a imprensa desportiva deixou de ser um interesse marginal dos media e passou a ter um papel de destaque na imprensa generalista, afirmando-se como uma área especializada de jornalismo, como tantas outras. Posto isto, surge uma inevitável questão que se prende com a verdadeira importância do jornalismo desportivo atual: estará o mesmo situado entre o entretenimento e uma poderosa indústria que rende bastante? Devido ao facto de o jornalismo desportivo não ser considerado uma das áreas mais prestigiantes, e de se considerar os brinquedos como algo pouco sério, Howard Cosell - jornalista norte-americano-, apelidou-o de *toy department*. Para Raymond Boyle, nem sequer será muito correto falar em “jornalismo desportivo”:

Tornou-se mais correcto falar em jornalismo sobre desporto, num contexto mais geral, do que num jornalismo de nicho, rotulado, de forma limitada, como jornalismo desportivo. (Boyle, 2006, p.5)

Para quem não está realmente dentro do assunto, poderá existir a ideia - algo generalizada -, de que todos percebem de desporto, podendo qualquer jornalista escrever sobre o tema, o que não corresponde à realidade. Para um jornalista especializado em economia, ter o conhecimento aprofundado sobre aspetos económicos e financeiros, dominando as suas especificidades, é uma obrigatoriedade. O mesmo acontece com o jornalismo desportivo, que ao contrário do que muito se diz e se escreve, é bastante específico. Toda a linguagem

própria que se utiliza complexifica a própria imprensa desportiva. Ou seja, apesar de o jornalismo desportivo se regular pelas técnicas de escrita impostas por qualquer trabalho jornalístico, existe uma terminologia própria desta área e, de um modo mais particular, de cada modalidade a ser noticiada.

Uma das especificidades do jornalismo desportivo e, particularmente do futebol, que é um dos grandes focos desta área, é a presença de neologismos, ou seja, de termos e expressões típicas do mundo futebolístico - o chamado “futebolês”. Outro aspeto a ter em conta é o facto de o discurso jornalístico poder ser escrito com emoção, uma vez que esta é a alma do desporto. Ainda assim, o jornalista não se pode deixar influenciar pelo seu envolvimento com a modalidade em questão, já que a paixão pode levar a que a notícia seja feita sem o rigor necessário e “pode atrapalhar a busca contínua da isenção e da ética” (Barbeiro e Rangel, 2006, p. 22). Num jogo de futebol, por exemplo, podem existir diferentes interpretações tanto ao nível de determinadas jogadas como das próprias decisões do árbitro, e o jornalismo desportivo permite que haja esta liberdade opinativa.

Para que o trabalho do jornalista esteja bem documentado, Antonio Alcoba (1980) enumerou oito pontos chave sobre os quais o jornalista deve ter conhecimento: as particularidades e inovações do espaço desportivo em que decorre o evento, pelo que as instalações são bastante importantes; o material, pois as inovações tecnológicas podem alterar o rendimento do atleta; o regulamento e programa, já que é essencial que o jornalista tenha um conhecimento aprofundado das regras basilares da modalidade em questão, assim como o próprio acompanhamento da competição, para que esteja a par do rendimento anterior das equipas e dos seus elementos constituintes; os treinadores, que têm toda a informação sobre a equipa, bem como as técnicas e estratégias que a mesma aplica; os atletas, que afinal de contas são os verdadeiros protagonistas do espetáculo desportivo, pelo que é igualmente essencial conhecer o mínimo da sua carreira; o ranking, pois o jornalista deverá deter um total conhecimento da composição do ranking e no que este se altera com o resultado do jogo que está a noticiar; os aspetos históricos, que se traduzem no conhecimento das edições anteriores da competição, principais recordes e alguns dados estatísticos que possam ser relevantes para a notícia; os prognósticos, ou seja, aquilo que tem mais probabilidade de acontecer, que é uma particularidade que atrai e motiva os espectadores.

Além de conhecer as regras e os regulamentos de cada modalidade desportiva, o jornalista precisa de se inteirar de uma série de factos que, por serem infringidos ou esquecidos, podem constituir base para um bom noticiário. (Erbolato, 1981, p.13)

5.2.1. “O” jornalista desportivo

Um jornalista desportivo tem que ter uma determinada especialização, que combine as responsabilidades gerais da profissão com as exigências próprias de cada notícia que está a ser dada. Ainda assim, um jornalista desportivo não é diferente dos outros. A grande

diferença entre o jornalismo desportivo e as “*hard news*” é que o primeiro abrange, de certo modo, algum espaço opinativo e de comentário, assim como a existência de algum clubismo. Apesar da sua especialidade em temas relacionados com o desporto, o jornalista desportivo não pode desprezar a importância da atualidade, uma vez que os assuntos relacionados com o desporto estão muitas vezes dependentes de outras condições sociais, económicas e políticas. O código deontológico é outra questão que tem que ser sempre respeitada, seja o jornalista especializado ou generalista. Como acontece com o profissional de qualquer profissão e, mais especificamente, com qualquer profissional da classe, um jornalista desportivo tem que estar preparado para sofrer diversos tipos de pressões. A primeira - quiçá até a mais comum - está relacionada com os adeptos, que ao vibrarem com o respetivo clube, acabam sempre por ter uma opinião positiva ou negativa em relação ao que é noticiado sobre o mesmo. Outra das pressões para que um jornalista desportivo tem que estar preparado é a provocada pelos dirigentes dos clubes, que se aproveitam desta especialidade do jornalismo para atingir outros fins.

Como eu próprio pude confirmar no meu estágio no *Record*, o jornalista desportivo tem de enfrentar *deadlines* mais curtos do que os jornalistas generalistas, decorrentes dos inúmeros eventos que decorrem a horas tardias, colidindo com a hora de fecho habitual dos jornais diários.

Em termos de verificação das notícias, o procedimento que um jornalista desta área deve ter é em tudo idêntico aos restantes, tendo que confirmar e reconfirmar todas as informações com o maior número possível de fontes. Para Luís Sobral e Pedro Magalhães (1999), essas fontes podem ser agrupadas da seguinte forma: fontes institucionais (Instituto Nacional do Desporto, Secretaria de Estado do Desporto, Comité Olímpico de Portugal, Federações, Ligas, Associações, Clubes e Sindicatos); fontes espontâneas, que não são nada mais, nada menos, que os empresários, treinadores, jogadores e médicos; e fontes confidenciais-anónimas. De acordo com os autores (Sobral e Magalhães, 1999, p.54), “As fontes espontâneas podem adquirir o estatuto de anónimas ao revelar factos que poderão causar problemas às instituições, obrigando-as a agir”. Contudo, é necessário saber manter a distância e superar a ligação que existe entre o jornalista desportivo e um jogador, por exemplo, pois essa ligação poderá por fazer com que a própria rotina noticiosa seja alterada, já que muitas vezes ambas as partes (jornalista e atleta) entram em conflito.

O jornalista desportivo está, por vezes, com dificuldades a nível ético, inerentes ao contacto que vai mantendo, por exemplo com um atleta. Tem que se evitar, ao máximo, uma amizade que faça com que informações negativas sobre o objeto dessa amizade sejam divulgadas, do mesmo modo que também não deve acontecer o oposto, ou seja, uma antipatia que origine a recusa de fornecimento de informação por parte de alguém. Concluindo, o jornalista deve contactar a sua fonte sempre que necessário e demonstrar que não se trata de uma troca de favores.

Embora a amizade não combine com o jornalismo, é fácil perceber que aquela é uma relação que permite ao jornalista conseguir obter informações exclusivas. A dificuldade, porém, será

a de o jornalista conseguir separar devidamente a amizade do seu compromisso profissional, mas aí terá que entrar o principal segredo da profissão: a isenção.

Ainda assim, existe uma diferença do profissional desta área relativamente ao cidadão em geral. Essa diferença reside na palavra 'objetividade', dado que o jornalista desportivo está condicionado a noticiar sobre aquilo que vê, podendo ter uma interpretação diferente do leitor, ou seja, aquilo que o leitor, por vezes, quer ler pode não coincidir com a análise feita pelo jornalista.

Dada a escassez de referências bibliográficas, este é um tema pouco desenvolvido, explorado em grande parte por Francisco Pinheiro. Posto isto, espero conseguir dar o meu contributo nesta área, com a inclusão de assuntos e factos desconhecidos até então.

Referências

- Alcoba, A. (1980). *El Periodismo deportivo en la sociedad moderna*. Madrid: El autor.
- Barbeiro, H. & Rangel, P. (2006). *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto.
- Boyle, R. (2006) *Sports Journalism: context and issues*. SAGE Publications.
- Campos, L. & Canavezes, S. (2007) *Introdução à Globalização*.
- Coelho, J. N. (2001). *Portugal, A Equipa de Todos Nós - Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto: Editora Afrontamento.
- Erbolato, M. L. (1981). *Jornalismo especializado - Emissão de textos no jornalismo impresso*. São Paulo: Editora Atlas.
- Esteves, A. (2010). *Os critérios económicos como fatores predominantes na construção das manchetes da imprensa diária desportiva*. Universidade de Coimbra.
- Morais, R. (2014). *Diários desportivos em Portugal e Espanha: uma análise comparativa*. Universidade Fernando Pessoa: Porto.
- Novais, R. A. (2010). *A Representação do Futebol na Imprensa*. Porto: Media XXI.
- Pinheiro, F. (2005). *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva (1893-1945)*. Minerva: Coimbra.
- Pinheiro, F. (2011). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Editora Afrontamento: Porto.
- Serrano, E. (2006). *A dimensão política do Jornalismo*. Editora Quimera.
- Sobral, L. & Magalhães, P. (1999). *Introdução ao Jornalismo Desportivo*. Lisboa: CENJOR.
- Sondhaus, L. (2011). *A Primeira Guerra Mundial*. Editora Contexto.
- Weber, M. ([1917] 2000). *A Política como Profissão*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas